

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
BRUNO LUIZ CANAVARRO DIAS**

**ESTOICISMO E EXISTENCIALISMO: A ETERNA BUSCA
PELO SENTIDO DA VIDA**

Campo Grande – MS
2023

BRUNO LUIZ CANAVARRO DIAS

**ESTOICISMO E EXISTENCIALISMO: A ETERNA BUSCA
PELO SENTIDO DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito
para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da
Faculdade de Ciências Humanas
da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Marta
Rios Alves Nunes da Costa

Campo Grande – MS

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Edir Franco Canavarro, às minhas irmãs Ana Carolina, Maria Gabriela, Maria Teresa e Isabele, e à minha companheira de vida Leticia.

*“O mais feroz dos animais domésticos
é o relógio de parede:
conheço um que já devorou
três gerações da minha família.”*

Mário Quintana

RESUMO

A questão do sentido da vida é um tema antigo que não cria rugas, e o presente trabalho tem como objetivo propor um exercício da Filosofia como uma prática moral de vida ao explorar essa questão à luz da filosofia estoica e da filosofia existencialista, em particular a partir dos filósofos Sêneca e Heidegger. Através da pesquisa bibliográfica, o sistema do estoicismo se apresenta como um sistema lógico, físico e ético, encontra-se fortemente amparado pelo uso da razão e tem um caráter prático. O seu estudo se direciona para uma vida feliz, a partir do exercício da Filosofia como uma prática de vida virtuosa. Em Sêneca, a questão do tempo lhe é caro, sendo unicamente de responsabilidade humana o seu manuseio. O estoicismo compreende que a Natureza é como um organismo vivo, racional e harmonioso; tudo é cíclico, tudo possui um início, meio e fim. Para o trabalho, interessa o que há no intervalo. Do outro lado, o existencialismo se apresenta como uma filosofia da liberdade, voltada para o ser humano como o protagonista responsável pela sua história. Em Heidegger, abre-se a porta existencialista com a noção de transcendência, em que o ser humano passa a se perceber como um projeto vivo, em andamento, inacabado; uma vida em obra. Para o trabalho, interessa esse movimento do ser humano como um projeto de ser, que possui três condições: o ser-com-o-mundo, o ser-com-os-outros e o ser-para-a-morte. O ser humano é o único animal consciente de sua própria finitude, e é essa percepção, que nos faz humanos, frente ao desejo de justificar a existência humana, que será discutida a partir do estoicismo e do existencialismo.

Palavras-chave: Estoicismo. Existencialismo. Natureza. Razão. Felicidade. Vida. Morte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 – SOBRE O ESTOICISMO.....	10
1.1 Estoicismo em Epiteto, Marco Aurélio e Sêneca	23
1.2 Sobre a brevidade da vida	27
1.3 Estoicismo em tempos de pandemia.....	32
CAPÍTULO 2 – SOBRE O EXISTENCIALISMO.....	37
2.1 Existencialismo em Heidegger.....	40
2.2 Intersecção entre o Estoicismo e o Existencialismo	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. Introdução

A mais humana de todas as necessidades humanas talvez seja a busca pelo sentido da vida. Uma busca que se inicia ainda em nossa infância, inflada por uma curiosidade cristalina e enérgica que somente uma criança poderia ter, quando mesmo tropeçando no significado das palavras, os dois porquês iniciais são lançados: “Por que o mundo existe?” e “Por que eu existo?”. Não como ou onde, mas porquê. Dois questionamentos simples que somente uma criança poderia fazer, e tão profundos que somente um metafísico ousaria respondê-los. Se não mais criança e estando muito distante do caminho metafísico, restaria ao aluno de graduação em Filosofia a proposta de explorar essa busca incessante a partir de uma intersecção entre o estoicismo e o existencialismo, mais especificamente entre Sêneca e Heidegger, a fim de explorar a questão original da Filosofia, aqui colocada como a questão do sentido da vida. Além disso, esse retorno que fazemos aos antigos acaba por evidenciar que, apesar de separados pelo tempo, nós curiosamente nos deparamos com o mesmo sentimento de aflição diante da vastidão do mundo e do mistério existencial. Há de se debater o porquê de retornarmos sempre ao mesmo ponto de interrogação.

O trabalho será dividido em dois capítulos, nos quais serão trabalhadas as obras *Sobre a brevidade* da vida, de Sêneca, e *Ser e tempo*, de Heidegger, tendo como recorte das obras as linhas teóricas do estoicismo e do existencialismo, ainda que o filósofo escolhido para o debate existencialista tenha o seu pertencimento questionado por outros pensadores. Após a introdução desses temas, será feita uma análise de contraposição entre essas duas correntes filosóficas, a fim de pontuar não somente as suas diferenças, mas as suas contribuições e de que modo podem se complementar tendo como finalidade um saber viver bem. Mais adiante, será debatido o aumento da procura pela filosofia estoica em tempos de pandemia, quando fomos acometidos pela COVID-19, a fim de trabalhar em cima da necessidade humana de ser amparada pela Filosofia em tempos adversos. Se sempre voltamos a questão inicial da Filosofia, aqui colocado como o sentido da vida, esse retorno deverá ser justificado pelas mãos do próprio ser humano. As escolhas, ou a falta delas, afetam o ser humano como um particular e a todos de modo coletivo, colocando, assim, a necessidade de se discutir a questão do cuidado e responsabilidade consigo mesmo e para com o meu próximo.

Revelando a cereja final desse bolo bibliográfico, não existirá aqui uma resposta final para a pergunta do sentido da vida, considerando que essa questão seja uma questão eterna e a questão máxima do ser humano. O caminho que será percorrido nas próximas páginas deseja

sim chegar a algum lugar, um que possa ser de comum acordo para todos os seres humanos. Esse trajeto será iluminado pelos quatro pilares do estoicismo, as chamadas de quatro virtudes estoicas, de modo que possamos pavimentar essa estrada pelo qual o caminho se dá. Como próxima parada, iremos nos deparar com um trajeto que fora recapeado pelo filósofo alemão, iluminando agora o *Dasein*, um ser-aí que existe como presença no mundo, como presença nessa estrada, que não se separa dela. A compreensão dessa presença como uma presença marcada pela temporalidade e pela consciência de si mesma resulta em um sentimento de angústia, e é esse sentimento, que inicialmente fora iluminado pelos pilares do estoicismo, que nos acompanhará nessa embargada pela questão do sentido da vida.

Em nossa primeira idade de vida, tendo a vida como uma festa, a excitação pelo desconhecido é a anfitriã que recebe a existência como a convidada de honra. Os objetos no mundo exalam um frescor como se há pouco tivessem sido colocados aqui, e tamanha é a convicção juvenil que poderia se dizer que foram colocados somente para que pudessem ser desbravados pelas pequenas mãos. A Filosofia nasce com o espanto, disse Aristóteles, mas esse nascimento, em seu primeiro momento, ocorre dentro de uma relação desnivelada. Em uma fase inicial de vida não há munição teórica o bastante para encarar tamanha questão existencial. É como se esta última surgisse e deixasse um lembrete de “até logo”. Quando, então, aconteceria esse reencontro? Seríamos capazes de reconhecê-lo? Como nos comportaríamos?

É no mínimo instigante o exercício imaginário de tentar resgatar o nosso primeiro encontro com o mistério da existência, mais ainda determinar o início dessa jornada enquanto seres conscientes de sua própria mortalidade, e isso muito se dá pela forma linear como a nossa vida decorre e impede qualquer tipo de paralisação para uma reflexão ininterrupta. Por maior que seja a gravidade de algum caso ou por mais latejante que esteja alguma questão, não há como descansar de si mesmo, refletir sobre o que precisa ser refletido e retornar para o mundo quando assim desejar. Não há trégua para as lamúrias humanas e não humanas. Não é possível suspender o tempo.

Como um segundo exercício imaginário, poderíamos tentar visualizar a vida e todas as suas particularidades sem a existência do tempo. Que seja pensado enquanto um conceito ou enquanto uma grandeza física, parece não ser possível a ideia de uma existência sem um marcador temporal. O tempo parece existir independentemente da vivência humana, entretanto não é possível conceber o inverso. Se escolhendo se submeter à experiência desse exercício, a sensação de estar se descolando das paredes da vida é iminente: uma imagem em total desarmonia. Assim como nós, a Filosofia necessita de tempo. Tudo parece passar pelo crivo do

tempo, tendo um início, meio e fim. Em meio ao ciclo, reside a mais humana de todas as necessidades humanas, a qual poderíamos colocar como sendo a questão original da Filosofia: a implacável e insaciável busca pelo sentido da vida. A busca por uma justificativa que pudesse ser capaz de preencher as lacunas existenciais. Existe uma ausência metafísica que nos rodeia diariamente, que nos cutuca e que não se vai; existe um incômodo contínuo nesta ausência. Afinal, existe algum sentido inerente à vida humana? Se não, caberia ao ser humano a responsabilidade de atribuir tamanha justificativa?

Não há um consenso ou alguma resposta de caráter absoluto, e assim nos deparamos com uma desordem estrutural, como a figura de um professor que elabora questões para uma prova sem que ele mesmo saiba as respostas. Parece não ser possível pensar sobre aquilo que não se sabe, ou elaborar uma questão sem que exista uma resolução, considerando que a cabeça pensante que afirma não saber resolver seja a mesma cabeça pensante que elaborou a equação. Ao tentar responder à questão, ainda que despretensiosamente, as palavras parecem não satisfazer o desejado e se apequenam diante da grandeza material existente, matéria esta que não se limita à composição química do corpo humano e se estende ao tecido subjetivo de tudo o que há. Qualquer justificativa parece ter sido elaborada precocemente, ainda que os anos em terra já sejam muitos. De certa forma, essa busca pelo sentido vai ao encontro particular de cada ser humano consigo mesmo. Esse confronto existencial ocorre em uma via de mão dupla, que ao se questionar sobre um sentido final também se questiona sobre si mesmo, e que talvez seja o causador dessa nebulosidade que paira sobre a questão original.

A partir disso, podemos realizar uma primeira reflexão sobre a questão original, pensando antes sobre o modo como conduzimos a nossa vida, o modo como nos percebemos enquanto seres conscientes de sua própria finitude, o modo como nos posicionamos diante da morte e sobre o papel da Filosofia nesse cenário. Esses três substantivos, vida-sentido-morte, parecem nascer de uma mesma mãe, sem que a ordem de colocação aqui escrita estabeleça algum valor de hierarquia. Seja como for, tendo o sentido como um precedente da vida, ou a vida como um meio para um fim, poderíamos pensar a Filosofia como uma espécie de auto salvação? Seria a Filosofia uma meditação sobre a morte, à medida que se medita na finitude da existência?

Quando, pois, o deus me ordenava, como penso e estou convencido, que eu devia viver filosofando e examinando a mim mesmo e aos outros, então eu, se temendo a morte ou qualquer outra coisa, tivesse abandonado o meu posto, isso seria deveras intolerável. Nesse caso, com razão, alguém poderia conduzir-me ao tribunal, e acusar-me de não acreditar na existência dos deuses, desobedecendo ao oráculo, e temendo a morte, e reputando-me sábio

sem o ser. Pois que, ó cidadãos, o temer a morte não é outra coisa que parecer ter sabedoria, não tendo. É de fato parecer saber o que não se sabe. Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e, entretanto, todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males. E o que é senão ignorância, de todas a mais reprovável, acreditar saber aquilo que não se sabe? (PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, XVII 29b)

Desde a Antiguidade a questão da morte já se apresentava como o cerne do discurso filosófico. No trecho citado da *Apologia de Sócrates*, para o que será proposto e trabalhado nas páginas que se seguem, podemos pensar sobre a filosofia como uma prática de exame sobre si mesmo, a qual se bem realizada deve resultar em uma vida que se prepara para morrer. Não hoje ou amanhã, mas algum dia. É essa preparação que pode mudar o estado de espírito de todo aquele que se faz presente no mundo, em vida. O destino final é o mesmo para todos, mas o caminho e o que guia o caminhante, se a razão ou o vício, se a paz de espírito ou a inquietude, enfim, tudo o que antecede, não. É essa preparação que nos interessa e que deve caminhar conosco.

A questão sobre o sentido da vida é um tema antigo que não cria rugas. Uma música já conhecida pelos nossos ouvidos, mas capaz de suscitar antigos questionamentos com vestes novas cada vez que tocada. Na sequência, a música a seguir será tocada pelo estoicismo, o qual nos faz um convite à uma reflexão ativa, guiada por uma razão solidamente construída e movida por um apetite de virtude que promete o gozo da felicidade se saciado. Quem sabe, talvez, nos coloque a um passo mais próximos de uma possível justificativa de existência.

CAPÍTULO 1

Introdução à Filosofia Estoica

De modo breve, a história da Filosofia pode ser dividida em quatro períodos, como a Filosofia Antiga (séculos VII-V), Filosofia Medieval (séculos V-XV), Filosofia Moderna (séculos XVI-XVIII) e Filosofia Contemporânea (século XIX - XX). Além da história como um plano de fundo temporal, existem as correntes de pensamento inseridas nesses períodos e que podem ser subdivididas em escolas filosóficas, como, por exemplo, a escola pré-socrática, platônica, cética, estoica, utilitarista, etc. Cada qual contendo a sua própria bagagem teórica e conceitual, com um método investigativo e com uma interpretação particular a respeito de questões fundamentais. Ainda que se distingam quanto às perspectivas filosóficas, bebem de uma mesma fonte e reaproveitam de águas passadas, sendo possível explorar um mesmo tema a partir de diversas óticas filosóficas, como se cada corrente de pensamento mirasse um mesmo objeto, mas o observasse com lentes diferentes. Não seria diferente com a questão original. Para o proposto, o tema do sentido da vida será explorado inicialmente à luz da filosofia estoica, navegando pelos escritos dos estoicos Epiteto, Marco Aurélio e Sêneca, com ênfase em sua obra *Sobre a brevidade da vida*¹.

A escolha desses três filósofos, considerados como a tríade de ouro do estoicismo romano, se deu pelas suas maiores contribuições que foram recortadas para o propósito do tema, e sobre elas discutiremos no decorrer do trabalho. Em poucas palavras, sobre Epiteto, a sua condição inicial de vida como escravo pode invocar a questão da liberdade para o estoicismo, ainda que esse não tenha sido o seu foco, e a postura diante de uma vida inicialmente talhada pelo outro, aquele que lhe é externo. O nome pelo qual o conhecemos não fora um nome atribuído pela mãe como comumente se faz. Filho de uma serva, recebeu este nome pois era o nome destinado aos servos, o qual significava “adquirido”. Tudo o que sabemos sobre os seus escritos chegaram até nós pelas mãos de Arriano, que compilou as suas aulas em oito livros, *As Diatribes de Epicteto*, dos quais somente quatro restaram, e a partir disso, redigiu o *Encheirídion de Epicteto*, uma espécie de manual ético do filósofo. Em relação ao Marco Aurélio, o imperador do estoicismo, nos importa a sua postura moral diante de toda a turbulência vivida em tempos sombrios de guerra, fazendo uma ponte para o que discutiremos como a maior adversidade humana, que é a morte. Por último, sobre Sêneca, nos voltaremos

¹ SÊNECA. *Sobre a Brevidade da Vida*. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin, 2017.

para a sua questão do tempo como uma dádiva concedida pela natureza, para que depois possamos fazer uma ponte entre o tempo, como um marcador temporal, e a morte, como aquele que cessa esse marcador. Pro agora, remontaremos a origem da escola estoica.

Tudo começa com Zenão de Cítio (334 a.C. – 264 a.C.), que é considerado como o fundador do estoicismo. De estatura baixa, pele escura e sangue estrangeiro, a sua jornada filosófica se inicia com um naufrágio. Como retrata uma das anedotas sobre a sua origem, em um determinado dia chuvoso, Zenão, que era mercador e trabalhava transportando cargas, estava viajando carregando a púrpura, um pigmento extraído de caramujos marinhos, quando o barco tombou e a sua carga fundou. Após o naufrágio, Zenão faz uma visita ao Oráculo de Delfos na busca de obter um direcionamento para a sua vida a partir daquele episódio fatídico, e ao perguntar sobre qual seria o melhor modo de se viver, recebe como resposta para “tomar a cor não de moluscos mortos, mas de homens mortos”. Que era preciso retornar aos antigos. E assim Zenão inicia a sua jornada filosófica.

Zenão dizia a seus alunos que havia aprendido a valorizar a sabedoria mais do que a riqueza ou a reputação. Ele costumava dizer: ‘Minha jornada mais lucrativa começou no dia em que naufraguei e perdi toda a minha fortuna. (ROBERTSON, 2020, p. 24)

O termo “estoico” advém da palavra grega *stoá poikíle*, ou “pórtico pintado” em alusão ao local em que Zenão se reunia com os seus pupilos. Então, estoicismo, filosofia do pórtico ou stoá remetem ao mesmo objeto de estudo. Embora tudo aponte para que Zenão tenha produzido muitos escritos, nenhum sobreviveu ao tempo. Tudo o que se sabe sobre a sua filosofia se baseia em narrativas de filósofos da antiguidade, como de Aristóteles e de Cícero. Existem alguns relatos em que a figura de Zenão, por parte da população, era vez ou outra trocada da figura de um filósofo pela figura de um profeta. Talvez essa inversão de conceitos se desse por causa de sua relação íntima com a natureza, que acabava por se misturar com o divino. Para ele, a natureza é um sistema ordenado, racional, harmonioso, justo e belo. As virtudes se esbanjam, e a natureza é o próprio divino, de onde viemos e para onde voltaremos. O seu modelo biológico de dinamismo é cíclico, possuindo um início, meio e fim, e nesse intervalo entre os dois pontos extremos, momento em que a existência humana existe em ato, a busca pela felicidade deve ser uma constante.

É possível dividir o estoicismo em três fases, sendo a primeira e a segunda anteriores ao nascimento de cristo e restando poucos escritos, e a terceira já como uma fase cristã, inserida no império romano. Esse último informe serve de gancho para uma possível explicação de como

o cristianismo subverte a Filosofia e se alastra pelo ocidente nos anos seguintes. Como plano de fundo do período do nascimento estoico, temos um cenário de muitos conflitos, uma Grécia em decadência com a presença de exílios, mortes, cobranças de altos impostos e uma instabilidade política, que veio culminar em um sentimento de abandono moral. O estoicismo, então, retorna novamente à filosofia antiga como uma espécie de súplica por um direcionamento de vida, e o faz estritamente sob o uso da razão e das virtudes.

Finalmente, é preciso considerar que o desamparo dos indivíduos é fortemente determinado pela política imperial, à medida que o Senado romano foi perdendo poder e o cesarismo dos imperadores foi impondo a todos insegurança e instabilidade: aos políticos, exílio e morte, aos ricos, os impostos para custear as guerras e o clientelismo cortesão, à plebe, a adoração ou execração do governante da hora. À crueldade dos imperadores contrapunham-se a violência intempestiva dos tiranicidas, as conspirações no Senado e nos exércitos. Como escreve Hegel, "o estoicismo só podia surgir numa época de temor e insegurança universais". Ou seja, somente numa época imersa no medo e na insegurança, uma filosofia poderia propor a ideia da liberdade como liberdade da consciência, indiferente às circunstâncias, ao trono e aos grilhões. (CHAUÍ, M, 2002. p. 291)

A base do estoicismo é sustentada a partir de três princípios, o da lógica, da física e da ética, e enxerga a filosofia como uma possibilidade de prática moral de vida. Eles estão conectados, como nos diz Diógenes "E nenhuma parte é separada das outras, [...], mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si. Seu próprio ensino fazia-se conjuntamente" (LAÉRCIO, 1988, p. 40). O aspecto da lógica possui um caráter teórico, o qual se preocupa com inicialmente definir os elementos que compõem o mundo para que possa haver uma compreensão e, posteriormente, a contemplação da natureza. É preciso, primeiramente, teorizar e compreender a natureza como um cosmos, abraçando a sua totalidade como uma estrutura racional, ordenada e virtuosa, para que finalmente a contemplação seja possível. No mais, a lógica enfatiza o uso da razão no processo de distinção entre o que está ou não sob o controle humano. Em relação à física, os estoicos são apontados como os herdeiros de Heráclito, o qual possui uma lógica do movimento: o mundo é um eterno devir. Assim como a lógica, a física está a serviço da ética e trata da questão da aceitação como um viver em conformidade ao curso da natureza. Isto é, o universo possui uma ordem natural em que tudo acontece de acordo com o cosmos. Quanto à ética, o estoicismo pode ser aplicado como uma filosofia moral de vida, em que a construção das virtudes culmina em uma vida harmoniosa com a natureza, uma vida boa e feliz. A seguir, esses três princípios, lógica, física e ética serão melhor desenvolvidos.

Quando um dos presentes falou: "Persuade-me de que a lógica é útil", disse: "Queres que te demonstre isso?" "Sim". "Portanto, é-me preciso selecionar um argumento demonstrativo?" Quando o outro concordou: "E como saberás se eu te apresentar um sofisma?" Quando o homem se calou, disse: Vês como tu

mesmo concordas que a lógica é necessária, já que sem ela não é possível saber se é necessária ou não. (EPITETO, D 2.25)²

A lógica estoica é um dos dois grandes sistemas de lógica da Antiguidade. O outro foi o de Aristóteles. O termo vem do grego, *lógos*, que significa linguagem, raciocínio, razão. Inicialmente foi elaborada por Crisipo de Sólis, que teria escrito 705 livros, sendo 118 de conteúdo exclusivo da lógica. Os fragmentos que chegaram até nós foram o suficiente para demonstrar a importância do empirismo sob o uso da razão. Ocorre que primeiro nós percebemos o mundo e depois organizamos essas percepções a partir da razão. Isto é, primeiro nós somos afetados pelas coisas do mundo e depois organizamos essas sensações. Esse empirismo não se separa da física:

O mundo é um ser vivo estruturado por relações de tensão, concórdia e discórdia, simpatia e antipatia entre todos os entes, e o homem vive nessas relações, de sorte que o empirismo exprime a coexistência ou interpenetração do homem e do mundo. Sentir e perceber é ter os sentidos e a alma modificados pelo que nos rodeia; essa modificação, quando em harmonia com o que a causa, indica que estamos no verdadeiro e quando em desarmonia, no erro e na paixão. Exatamente por esse peculiar empirismo, a lógica estoica, como veremos mais adiante, não se volta, como a aristotélica, para as proposições atributivas (Sé P; S não é P), mas para os enunciados de acontecimentos (amanhece, anoitece, chove, escurece, branqueia, verdeja), isto é, para as ações do mundo e dos homens. (CHAUÍ, M, 2002, p. 126)

Compreender o movimento do cosmos é compreender o movimento da Natureza. Compreender que o mundo é um ser vivo, como um todo animado, e que a lógica se compromete com as modificações do mundo é o primeiro passo para se entender como parte de um todo. Se na lógica aristotélica tínhamos uma estrutura estática, voltada para o sujeito e predicado do discurso, agora com os estoicos nos voltamos para os acontecimentos, como neste exemplo “faz sol, está claro”. É a compreensão desses acontecimentos que permitirá ao ser humano a adesão ao mundo como um todo.

A ciência é o que conduz o homem a dar sua adesão à estrutura de um mundo que o contém, colocando-se em acordo com ela. A sabedoria, por isso, é viver, pensar e agir em conformidade com a Natureza. A adesão e a conformidade à Natureza são próprias do sábio ou do exercício consciente da parte dirigente da alma, isto é, a razão. Assim, aderir à Natureza e viver em conformidade com ela nada mais é que viver em conformidade com a razão, tanto a razão universal ou lei natural - o fogo primordial, o deus, o Zeus cantado por Cleanto - como a razão individual de cada ser humano, parcela da razão universal, centelha do fogo universal. (CHAUÍ, M. p. 130)

Como disciplina do *lógos*, a lógica é a ciência do discurso racionalmente correto e tem como tarefa principal a distinção entre dois usos da linguagem, o discurso contínuo e o discurso descontínuo. No primeiro, prevalecem as regras da retórica, enquanto que no segundo, as regras

² Diatribe intitulada “Que a lógica é necessária”.

da dialética, sendo ambas consideradas ciências cujas funções apontam para a validação do verdadeiro e do falso sobre todo e qualquer objeto. O alcance do objeto que se encontra em um cíclico movimento é o cerne da lógica.

Se na lógica nos debruçamos sobre os objetos dos enunciados, os acontecimentos e as modificações que ocorrem no mundo e que se enunciam através da linguagem, agora na física damos um passo à frente para enxergar o nó que prende todo o fio do mundo. A partir da lógica, foi possível a verificação desse nó como um nó válido e verdadeiro, e agora, a partir da física, se faz possível a visualização de todos os pontos que se encontram unidos por esse nó, os quais são chamados de entidades corpóreas e entidades incorpóreas. Aqui, o corpo é tudo aquilo que existe através da ação e da paixão, sendo esses dois elementos princípios dos cosmos, “assim, no mundo só há corpos: a alma e o espírito são corpos, o dia e a noite são corpos, a palavra e as virtudes são corpos, a aurora e o crepúsculo são corpos, a verdade é um corpo, o deus é um corpo” (CHAUÍ, M. p. 142). Já do lado incorpóreo, se encontram o vazio, o tempo, o espaço e o exprimível. Todas as entidades se encontram atadas nesse fio do mundo. Tudo está conectado.

O termo “natureza” é usado pelos estóicos para significar às vezes aquilo que mantém o cosmos unido, e às vezes a causa do crescimento das coisas terrestres. A Natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os princípios seminais, produz e conserva tudo que germina por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados condizentes com suas fontes. (D.L, VII 148, p. 215)³

A palavra física, do grego *physis*, significa brotar, fazer crescer. O que origina e o que é causa. Não há outro elemento, senão o fogo, que seja capaz de exprimir esse desejo pela criação e pela transformação, o que corresponde à denominação dada pelos estoicos para a *physis*, como “fogo artista” e “sopro ígneo e artesão”. Se há criação, há destruição. Se há vida, há morte. Existe um ciclo pelo qual todas as coisas passam, com início, meio e um fim, e esse ciclo se repete para todos, como uma roda harmoniosa que não para de girar. É dentro dessa roda que os acontecimentos ocorrem, onde todos nós nos encontramos e nos relacionamos, e é nesse percurso circular que devemos encontrar a nossa harmonia. Não fora do mundo, mas aqui dentro dele. Esse fogo que tudo cria é o mesmo fogo que tudo destrói, remetendo a ideia de um eterno devir como em Heráclito.

Os Estoicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então a comparam a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou

³ DIÓGENES LAÉRTIOS. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres; tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama. – 2. ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

comparam-na a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estoicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si. Seu próprio ensino fazia-se conjuntamente. (D.L. VII 40, p. 190)

Desde os pré-socráticos que se entende a física como uma cosmologia, o cosmos como natureza. Aqui, o mundo, natureza, fogo e Deus são o mesmo e a cosmologia não se separa da teologia. Esse entendimento permite que o ser humano se conecte com o divino através da sua aproximação com a natureza e da compreensão da ordem existente na qual o mundo se encontra envolto. Isto é, o mundo possui uma ordem, um curso pelo qual deve se seguir, assim como também deve pautar a nossa existência. É trabalho do ser humano visualizar essa ordem e viver de acordo com essa ordem natural, resultando em uma espécie de comunhão racional com o todo. É trabalho do ser humano compreender que o nó que tudo amarra, que tudo interliga, é *natura sive deus*, natureza, ou seja, Deus. Mais do que trabalho, como uma opção de ação, é o destino do ser humano.

Para os estoicos, o destino é entendido como tudo aquilo que é necessário, e por necessário entendamos tudo aquilo que não pode não o ser, pois já o é. Tudo o que nasce, nasce para morrer. Esse ciclo é natural e independe da ação ou vontade humana. É nesse sentido, de uma causa regida por uma ordem maior, que é a natureza, o cosmos, e da figura do ser humano como um agente da razão que responde ao que lhe é natural, que se deve encaminhar o nosso entendimento, não para um mero determinismo como uma castração do livre-arbítrio. Epiteto ensina que a razão liberta o ser humano, e a palavra “razão”, no vocabulário estoico, é sinônimo de “livre-arbítrio”. Sendo assim, o ser humano, como um ser racional e inscrito em um mundo guiado pelo *logos*, ao fazer o uso correto da sua razão deve ser capaz de entender a ordem cósmica da qual participa e de se espelhar na harmonia que existe nessa ordem. O ser humano, guiado pela razão, deve buscar o seu aprimoramento moral e alcançar tudo aquilo que for compatível com a máxima da natureza, que é a virtude. Livre é aquele que escolhe não pelo domínio do vício, mas pelo direcionamento da virtude. A liberdade não se encontra no momento em que cedemos aos prazeres, muito pelo contrário. É somente aquele que possui o domínio de si e que age sob o domínio da razão, pela mão do livre-arbítrio, que é capaz de escolher e dizer não ao mais latente vício que bate à porta, pois há mais facilidade para abri-la do que para mantê-la fechada.

O consentimento ao destino não é mera retórica estoica, mas antes uma maneira de realizar o perfeito acordo de todas as funções da alma no seu mais alto grau. Sendo ato voluntário por excelência, a compatibilização entre o querer individual e a ordem universal só pode ser realizada por seres racionais, ou seja, entes capazes de reconhecer a força do *logos* que se alastra no universo e antever nos eventos particulares a marca do universal mediante o qual todas

as coisas são governadas com sabedoria pela Providência. O homem é livre para escolher entre o racional e o irracional, mas apenas quando opta por aquele e desdenha este ele concretiza sua liberdade essencial. Ser livre em substância equivale a escolher ser livre. Aquele que prefere ser irracional se avilta e se torna escravo das paixões, negando paradoxalmente a liberdade que lhe foi confiada. (MATOS, 2013, p. 36)

Retomando o que foi trabalhado até aqui sobre os princípios do estoicismo, verificamos que, a partir da lógica, visualizamos os acontecimentos. A partir da física, visualizamos todos os pontos conectados pelo fio do cosmos. E agora, a partir da ética, analisaremos o papel do ser humano diante dos acontecimentos e dos corpos entrelaçados. Nos interessa de que modo nos posicionamos e nos relacionamos com os corpos, sejam eles corpóreos ou incorpóreos, de que modo essas escolhas, considerando o livre arbítrio para a escolha de uma postura A e não B, nos aproximam ou distanciam de uma vida feliz, aqui, colocada como uma vida pavimentada pelas virtudes, e de como se apresenta uma vida vivida conforme a sua natureza.

Para dar um sentido mínimo à ideia de responsabilidade moral não é preciso que nossas ações sejam sem causa, nem que tenham causas exteriores independentes de nós: é preciso que sejam verdadeiramente ações nossas, isto é, que sejamos as causas. Sem dúvida, não somos causa completas: nossas decisões, como todas as coisas, não nascem do nada; são suscitadas pelas impressões vindas do exterior e que, com relação às impressões sensíveis de tipo ordinário, têm a particularidade de nos apresentar as coisas não como brancas ou negras, frias ou quentes, mas como "a pegar" ou "a rejeitar"; disso decorre que não suscitam apenas crenças ("isto é bom de pegar"), mas também ações ("eu pego"). Mas não as suscitam imediatamente nem automaticamente: como a gênese das crenças, a da ação supõe um momento de assentimento, que "depende de nós", não no sentido de que poderíamos dá-lo ou recusá-lo de maneira arbitrária e sem nenhuma razão, mas no sentido de que dá-lo ou recusá-lo depende de nossa natureza, de nosso caráter e singularmente de nosso caráter moral, de nosso sistema de valores, da pessoa moral que somos duradouramente. (BRUNSCHWIG, 1997, p. 549)

Então, existe um mundo, um cosmos, no qual todas as coisas existentes residem, e do qual os seres humanos fazem parte. Sendo assim, o ser humano compõe o cosmos. Existe uma ordem natural que perpetua e transpassa todos esses elementos, fazendo com que exista uma razão para tudo que é vivo. Não uma razão pela qual o ser humano existe, como uma possível justificativa de existência, ou o porquê máximo, mas uma razão pela qual a sua vida, após o nascimento, deva se guiar. Isto é, existe uma palavra ordem que deve nos orientar enquanto seres humanos, e essa palavra é a virtude. É ela a responsável pela pavimentação de um caminho ético. Toda ação ética é orientada por um fim único (*télos*), sendo a felicidade (*eudaimonia*) o fim último daquele que vive uma vida conforme a sua natureza. A infelicidade, então, seria o resultado de uma vida vivida não conforme a sua natureza.

Se existe um imperativo de ordem quanto ao modo de vida, é preciso que exista, por detrás dele, algum princípio que possibilite a inserção e permanência do ser humano nesse

caminho ético. Como um sopro de razão ou um algo que impulsiona e que aponte a direção para o indivíduo. Que evidencie tudo aquilo que lhe é benéfico a fim de se conservar e melhorar, e que repila tudo aquilo que lhe é contrário ou prejudicial. Esse princípio é a autoconservação (*oikeiōsis*). O ser humano nasce, se familiariza consigo e com o próximo, com os elementos externos ao seu redor e retorna para si, resultando em uma ação, a qual deve se amparar na razão.

O animal, tão logo nasce, harmoniza-se consigo mesmo para a conservação do próprio estado e para amar tudo o que favorece à sua conservação, como também para fugir da destruição e de tudo o que pareça capaz de destruí-la. A prova disso está no fato de que, antes mesmo de qualquer percepção de prazer ou de dor, as crias buscam as coisas salutares e fogem das contrárias. Isso não aconteceria se elas não amassem o próprio estado e não temessem a destruição. E, por outro lado, não poderiam desejar coisa alguma se não tivessem alguma consciência de si mesmas e, assim, se amassem a si mesmas. Donde se deve concluir que o amor de si foi o primeiro princípio. (CÍCERO, III, 5, 16)

O mundo segue uma ordem e o ser humano, como parte desse mundo, se encontra também submetido à lei dessa ordem, e carrega consigo o princípio da autoconservação, ainda que isso não seja enunciado pela linguagem. Ou seja, ainda que o ser humano não externalize através da linguagem, ou até mesmo não consiga executar todas as ações premeditadas, ainda assim o desejo pela conservação se encontrará em seu coração. É um desejo inerente ao ser humano. Esse princípio existe em todo reino animal, mas se diferencia quanto a sua percepção que depende do agente da ação. Um animal não-humano traz consigo o impulso da autopreservação, o qual se manifesta através das suas ações, sejam elas relacionadas a alimentação, a procriação ou a preservação propriamente dita, como quando se mata para não morrer. Essas ações não se baseiam na razão como a concebemos, mas num instinto animalesco puramente de sobrevivência. Um instinto conservador, que defende a vida. Ações naturais, sem qualquer juízo de valor sobre elas. Já o animal humano bebe da fonte da água racional, a qual permite que ele perpassa por esses instintos naturais sendo capaz de percebê-los, interioriza-los e compreendê-los. Mais além, a razão como um elemento particular do ser humano, possibilita que o indivíduo seja capaz de escolher agir conforme ou contrário à sua natureza. Esse impulso, então, há de ser um impulso moderado, organizado, contrário as paixões, e de pulso mantenedor de vida. Ou ao menos deveria sê-lo.

Os estóicos dizem que o primeiro impulso do ser vivo é o da sobrevivência, que lhe foi dado desde o início pela natureza. No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crísipos afirma que o primeiro bem possuído por cada ser vivo é a sua própria constituição física e a consciência da mesma. Não se pode admitir logicamente que a natureza torne o ser vivo estranho a si mesmo (de outra forma ela não o teria criado), nem que o trate como um estranho, nem que não o tenha como sua criatura. Somos então compelidos a dizer que a natureza, constituindo o ser vivo, fê-lo caro a si mesmo, pois assim ele repele tudo que

lhe é prejudicial, e acolhe tudo que lhe é útil e afim. Os estóicos demonstram que falam falsamente todos os propugnadores da idéia de que o primeiro impulso dos seres vivos é em direção ao prazer. (D.L. VII 85, p. 201)⁴

A filosofia estoica tem uma grande preocupação com o indivíduo, com o modo como ele se conecta consigo, com a sua natureza e com o modo como ele se relaciona com o outro, com a natureza exterior. Aqui, existem dois movimentos. O primeiro ocorre quando o ser humano se volta para si mesmo, em seu interior, para o estudo das paixões e das virtudes, assim como também busca reconhecer os vícios; tudo como em um exercício do autoconhecimento, fazendo valer a máxima do “conhece-te a ti mesmo”. O segundo movimento acontece quando, a partir do entendimento do primeiro momento, o ser humano se mistura com o exterior. É preciso haver um entendimento de si para saber se relacionar corretamente com o lado de fora. E como saber qual é, de fato, esse modo correto, considerando que somos seres únicos, cada qual com as suas singularidades? Existe um único modo? De certa forma, poderíamos dizer que sim, pois o modo pelo qual agiríamos, independentemente de como o caminho até ele tenha sido traçado, aqui tomando que todas as nossas particularidades respiguem nesse chão, teria que ser um modo pautado na virtude. A natureza é a lei, e a lei é virtuosa. Sendo assim, devemos tomar a natureza e todo o seu funcionamento como um espelho, no qual devemos espelhar todas as nossas ações.

Uma vez compreendido os três princípios do estoicismo, podemos adentrar nas quatro principais virtudes estoicas, consideradas os pilares da filosofia do pórtico: sabedoria, coragem, justiça e temperança. A palavra virtude vem do termo latino que significa *virtus*, o qual advém do termo grego *arethé*, que pode ser traduzido como excelência, e aqui, para nós, como um alcance máximo da moral como uma prática de vida. Esses quatro pilares dão o sustento necessário para que o estoico consiga se manter no caminho certo, em busca de uma vida boa, uma vida feliz. Desenvolveremos, a seguir, as quatro principais virtudes.

A razão é igual à razão, tal como a retidão é igual a si mesma; por conseguinte toda a virtude é igual à virtude, pois a virtude outra coisa não é senão a razão reta. Todas as virtudes são formas da razão; são formas da razão se forem todas retas e se forem retas são todas iguais. Conforme for a razão, assim serão as ações; logo todas as ações são iguais, pois se todas forem idênticas à razão todas serão iguais entre si. Afirmando que todas as ações são iguais entre si na medida em que se conformam com a moral e a retidão; quanto ao resto poderão ser muito distintas, de acordo com as circunstâncias, dado que umas terão maior e outras menor alcance, umas serão mais brilhantes e outras menos, umas far-se-ão sentir sobre muitas e outras sobre poucas pessoas. Em

⁴ DIÓGENES LAÉRTIOS. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres; tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama. – 2. ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

todas elas, porém, aquilo que têm de melhor - a sua perfeição moral - é idêntico. (SÊNECA, Carta 66, 32-34, p. 246)⁵

Todas as virtudes são como formas da razão, como se a razão fosse uma única mão capaz de nos fornecer um direcionamento em diferentes situações de nossas vidas, como em um momento que requer sabedoria, ou que requer coragem, justiça ou a temperança. Esses quatro elementos possuem funções distintas, podem se aplicar em momentos distintos, porém bebem de uma mesma fonte que é a fonte da virtude, e tem como finalidade o mesmo e único fim, que é um fim moral. Apesar disso, desse denominador comum entre elas, não podemos hierarquiza-las ou priorizar uma em detrimento da outra, uma vez que se complementam e não se substituem. Assim, precisamos nos debruçar sobre o estudo da base teórica das virtudes e coloca-las todas em prática, diariamente. O estoicismo é uma filosofia de vida, não pode e não deve se limitar ao teórico, pois o seu entendimento somente se faz possível através do seu exercício em vida. Isto é, a compreensão do estoicismo só pode ser colocada em prova no dia-a-dia, nos mais pequenos e banais detalhes corriqueiros que nenhum livro é capaz de trazer. Mas antes de enxerga-las como conjunto, elaboremos sobre elas separadamente.

Em primeiro lugar, debrucemo-nos sobre a sabedoria. Essa talvez seja a virtude que mais nos afeta diariamente, como um mantra que deveria ecoar a cada passo dado, “será que eu sei o que eu estou fazendo? e por qual razão faço?”. A nossa postura diante do outro e do mundo afeta diretamente todas as relações que construímos, incluindo a nossa relação conosco, e por isso pesa tanto uma escolha mal feita, contrária ao bem. Se somos o que fazemos, e se o que fazemos se distancia daquilo que deveríamos fazer, do que seria, de fato, o certo a se fazer, mais nos distanciamos da nossa natureza. Dentre todos os animais, o ser humano é o único animal racional, tal como compreendemos a racionalidade, e essa particularidade deve ser tomada não somente como um presente divino, mas com uma caixa que, ao ser aberta, nos impulsiona para uma busca pelo conhecimento do todo como um organismo vivo e racional, de modo que possamos nos enxergar como sendo parte desse todo e capaz de agir sobre esse todo, a fim de desfrutar daquilo que há mais de precioso e de máximo a ser alcançado, que é a felicidade. A sabedoria, então, está relacionada ao saber bem escolher, a escolha racional diante das adversidades da vida. A sabedoria é, portanto, a razão sendo praticada diariamente visando o bem.

⁵ SÊNECA. Cartas a Lucílio. Tradução, prefácio e notas de J. A. SEGURADO E CAMPOS. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

Em segundo lugar, sobre a coragem. Se anteriormente falamos sobre um saber que deve se posicionar ao lado da escolha certa, isto é, saber o que é o certo a se fazer, para que isso ocorra, é preciso mais que o entendimento do que é certo, pois é preciso ter coragem para agir de acordo com o entendimento. Entre o saber que, e o agir para, há de existir um pulso firme que não se amedronte diante das situações adversas, ainda que as consequências possam arrepiar até o último fio de cabelo. O mundo é dual, nele reside o nascimento e a morte, a dor e o prazer, o frio e o quente, a chuva e o sol, e essa dualidade é um fato, que acometerá a todos em algum momento da vida. Por isso existe essa necessidade tão pungente de se recolher para si a fim de se preparar para tudo o que é sabido que virá. Que pode não ser hoje ou amanhã, mas que algum dia virá. Como uma visita indesejada da qual não podemos fugir. Sendo assim, se sabemos previamente das pedras que podemos encontrar pelo caminho, ainda que elas possam ter tamanhos ou pesos diferentes, é preciso que haja a coragem para não somente desviar delas, mas como também para retirá-las do caminho, como uma ação de enfrentamento. Antes disso, é preciso que saibamos quais das pedras podemos ou não remover, em uma alusão ao que está ou não sobre o nosso controle. No fim, é preciso coragem para que enfrentemos a nós mesmos, e aqui podemos pensar sobre os vícios que nos seguem e dos quais temos dificuldade para nos soltar, sobre os medos que nos apavoram e que dificultam o nosso melhoramento, para que, enfim, possamos enfrentar a vida. E essa coragem, como uma força, vem do coração do ser humano, fazendo jus a origem do termo que vem do latim *Coraticum*⁶, derivado da palavra “coração”.

Em terceiro lugar, sobre a justiça. É considerada como uma das virtudes mor para os gregos, como aquela que tudo rege, capaz de atribuir um juízo de valor a respeito de todas as ações humanas, de penalizar ou de recompensar aquele que age. Para os estoicos, esse entendimento destoa um pouco do estabelecido como tradicional. Eles se aproximam daquela imagem de Diké, a divindade grega que representa a justiça, que segura uma espada em uma mão e na outra uma balança, e sem vendas em seus olhos para que possa julgar. Ela demonstra uma maneira única de existência, assim como todos os seres humanos são únicos, singulares, particulares e cada qual com a sua natureza interna que lhe é única e que precisa ser expressa em consoante com a natureza do todo. Assim, a filosofia do pórtico segue uma linha de tomar a justiça como uma disciplina da ação, ligada diretamente ao campo ético e que busca encontrar a dosagem certa, justa, em todas as nossas relações, para que essas doses sejam o suficiente

⁶ A palavra coragem tem a sua origem no latim *coraticum*, por sua vez, derivado de “cor”, “cordis”, “coração”. Na antiguidade, o coração era considerado a casa que abrigava a coragem e a inteligência.

para que possamos progredir como seres melhores. Aqui, ela não se prende ao campo da legalidade, visto que as nossas inclinações para o bem e para o mal não se limitam a ele, então se estende para o campo em que podemos nos demonstrar como seres racionais que somos e que buscamos nos afirmar ao máximo de acordo com a nossa natureza. Dessa forma, é a justiça que deve conduzir a postura humana para que possa se afirmar o máximo de vezes como um ser racional, um ser justo. Isto é, possibilitar situações em que o ser humano exercite a sua racionalidade ao agir de acordo com o bem supremo, e que essas situações possam ser possíveis para todos os seres humanos.

“Tudo o que acontece, por justiça acontece”. Tu constatarás isso, se prestares a devida atenção. Não digo somente que acontece de forma ordenada, mas também segundo o justo e inclusive como se alguém atribuísse à parte correspondente segundo o seu mérito. Segue, pois, observando como ao princípio, e o que fizeres, faze-o com o desejo de ser um homem de bem, de acordo com o conceito próprio do homem de bem. Conserva esta norma em toda ação. (MARCO AURÉLIO, Livro IV, 10, p. 21)

Por último, sobre a temperança. O termo vem do latim *Temperantia*, que significa equilibrar ou moderar. Para a filosofia do pórtico, a temperança é uma virtude relacionada a lógica estoica e é fundamentalmente necessária para uma vida virtuosa pois é ela a responsável pela valoração que atribuímos diariamente, seja para atitudes, seja para pensamentos, seja para outras pessoas; o ser humano se encontra em uma relação constante de dualidade entre medidas opostas, e saber o ponto de equilíbrio é uma das chaves para a felicidade. A partir do julgamento acerca da valoração que fazemos, podemos enxergar onde depositamos toda a nossa energia, a saúde do nosso corpo e da nossa mente, todo o nosso tempo, e verificar se esse empreendimento corresponde à nossa natureza. Isto é, se ao valorarmos com determinado peso o A ou B, estaremos seguindo as medidas da Natureza, de modo que não nos prejudiquemos e não nos distanciemos do bem. O ser humano é um agente valorativo, ainda que essa ação ocorra por baixo dos panos conscientes, mas precisa ser capaz de dosar e encontrar um determinado ponto na fusão que não transborde nem evapore, e essa capacidade não pode ser apreendida de forma isolada. Por exemplo, quando usamos o utensílio de nome referencial, que é o dosador, é preciso que saibamos antes como manejá-lo, e o mesmo ocorre na prática das virtudes. Apesar de termos expostos as suas características distintas, na prática, elas se complementam pois agem em nome de um denominador comum que é a razão.

Quando um homem sofre corajosamente a tortura, está pondo em ação todas as suas virtudes! Talvez uma delas esteja em ação mais direta ou seja mais evidente: a resistência. Mas numa tal situação encontramos coragem, nas suas variantes de resistência, capacidade de sofrer, aceitação da dor; encontramos prudência, virtude indispensável à tomada de qualquer decisão, a qual nos convence a aguentar com o máximo de coragem o inevitável; encontramos

firmeza, a qual nunca bate em retirada nem se deixa desviar dos seus propósitos pela força; encontramos, em suma, todo o indivisível cortejo das virtudes. Tudo quanto fazemos segundo a moral, fazemo-lo por ação de uma virtude, mas em unanimidade com todas elas; e aquilo que unanimemente todas as virtudes aprovam, ainda que aparentemente se deva a uma só, é, sem dúvida alguma, desejável. (SÊNECA, Carta 67, 10, p. 255)⁷

⁷ SÊNECA. Cartas a Lucílio. Tradução, prefácio e notas de J. A. SEGURADO E CAMPOS. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

1.1. Estoicismo em Epiteto, Marco Aurélio e Sêneca

O estoicismo é tratado comumente como uma espécie de manual de auto ajuda, um grande compilado de livretos para serem lidos em tempos de adversidade, e muito dessa noção vem do contexto em que viveram alguns dos seus mais notórios pensadores. Esses três filósofos da era romana se encontravam em um estado permanentemente de guerra. Epiteto, cujo nome de batismo é desconhecido, nasceu e permaneceu grande parte da sua vida como escravo. Seu apelido quer dizer “adquirido” ou “comprado”. Marco Aurélio Antonino Augusto, conhecido como o imperador estoico, teve o seu reinado em Roma marcado por muita brutalidade das guerras e ainda pela peste antonina, que devastou grande parte dos soldados romanos. Lucius Anais Seneca, ou Sêneca, foi orador, tutor e conselheiro do jovem imperador Nero, considerado como o imperador insano por causa dos traços cruéis que marcaram o seu reinado e que veio depois a condenar a morte de seu próprio conselheiro. Esses três homens possuíram profissões e vidas distintas e trilharam caminhos diferentes, mas sentiram na pele os descompassos da vida.

A seguir, de modo muito breve, faremos recortes de trechos dessa tríade de ouro do estoicismo para que possamos visualizar os principais focos de cada um deles.

Em Epiteto:

Quando alguém se crê merecedor de reverência por ser capaz de compreender e interpretar os livros de Crisipo, diz para ti mesmo: “Se Crisipo não escreveu de modo obscuro, ele não tem pelo que se crer merecedor de reverência”. Mas o que eu desejo? Conhecer a natureza e segui-la. Busco então quem a interpreta. Ouvindo que é Crisipo, vou a ele. Mas não compreendo seus escritos. Busco então quem os interpreta – até aí, absolutamente nada há que mereça reverência. Quando eu acho o intérprete, resta-me fazer uso das coisas prescritas – unicamente isso é digno de reverência. Ora, se admiro o próprio interpretar, que outra coisa me torno senão gramático ao invés de filósofo? Com a diferença que, no lugar de Homero, interpreto Crisipo. Então, quando alguém me disser “Interpreta algo de Crisipo para mim”, sobretudo enrubescerei quando não for capaz de exibir ações semelhantes às palavras e condizentes. (EPITETO, 49, p. 61)

O contexto de vida do chamado filósofo da liberdade é considerado um grande ponto curioso. Longe de idealizar um movimento de superação de vida frente a um estado de servidão, o que se conta é que Epiteto, antes escravo de um secretário administrativo do imperador Nero, ganhou a liberdade das suas amarras servis pelo seu interesse pelos estudos filosóficos. Ele fora mandado para Roma, pelo seu, então “mestre”, para estudar com o professor estoico Gaio Musônio Rufo, tendo se destacado na turma como o melhor aluno graças ao seu amor e

dedicação pela filosofia, principalmente no tocante as virtudes. Epiteto foi capaz de se ocupar de modo sereno e de se alimentar intelectualmente em uma época onde a crueldade e a tirania reinavam. Além disso, Epiteto se voltou para a defesa de uma filosofia como prática de vida, não somente uma teoria, de modo que pudesse torna-la de fácil acesso para toda a população, e não restringi-la para seletos pensadores. Ele evidencia a importância de possibilitar a evolução do tolo para o sábio, a qual se faz possível por meio dos estudos filosóficos de modo comprometido.

Em Marco Aurélio:

Ser igual ao rochedo contra o qual, sem interrupção, se quebram as ondas. Este se mantém firme, e em torno dele adormece a espuma da onda. “Sou infeliz, porque isso me aconteceu”. Mas não, ao contrário: “sou feliz, porque, devido ao que me ocorreu, persisto até o fim sem aflição, nem perturbado com o presente nem assustado com o futuro”. Porque algo semelhante poderia acontecer a todo mundo, mas nem todo mundo poderia seguir até o fim, sem aflição, depois disso. E por que, então, será isso um infortúnio mais que boa fortuna? Acaso denominas, afinal, desgraça de um homem ao que não é desgraça da natureza do homem? E acreditas ser aberração da natureza humana o que não vai contra o desígnio de sua própria natureza? Por que, então? Aprendeste tal desígnio? Esse fato te impede de ser justo, magnânimo, sensato, prudente, reflexivo, sincero, discreto, livre, etc., conjunto de virtudes com as quais a natureza humana contém o que lhe é peculiar? Lembra-te, a partir de agora, em todo acontecimento que te induza à aflição, de utilizar este princípio: não é isso um infortúnio, mas uma felicidade suportá-lo com dignidade. (MARCO AURÉLIO, Livro IV, 49, p. 26)

O imperador estoico foi um dos alunos de Epiteto e tem a sua marca registrada no estoicismo muito pela sua postura em vida diante do contexto de guerra em que se encontrava, principalmente pelo cargo que ocupava. Em meio ao caos da guerra, mortes, doenças e traições, o imperador escolhe a serenidade da Filosofia para ajudá-lo a manter-se em pé, manter o cargo que lhe era seu e ter força para segui-lo sendo. Marco Aurélio, então, começa a escrever despretensiosamente aquela que seria a sua principal obra, *Meditações*, como uma espécie de anotações pessoais que o orientavam diariamente, como um mantra ou exercício espiritual. Nela é possível visualizar inúmeras repetições acerca dos princípios estoicos, levando a crer que o imperador se via na necessidade de reafirmar diariamente os ensinamentos do estoicismo.

Em Sêneca:

Eu gostaria de abordar uma pessoa dentre as mais idosas da seguinte maneira: “Vemos que tu chegaste a um estágio avançado da vida humana, pesam-te nas costas cem anos ou mais. Vamos, faz o cômputo de tua existência: calcula quanto desse tempo um credor, quanto uma amante, quanto um rei, quanto um cliente te subtraiu, quanto uma desavença conjugal, quanto o castigo dos escravos, quanto o obrigatório ir e vir pela cidade; acrescenta as doenças que nos causamos por nós mesmos, acrescenta também o tempo que se perdeu sem uso: verás que tu tens bem menos anos do que enumeras. Repassa na memória, sempre que estiveste seguro de uma decisão tua, quão poucos dias decorreram

tal como havias planejado, em que momento estiveste disponível para ti, quando tua face manteve expressão normal, quando tua alma se manteve impassível, que obra realizaste em uma vida tão longa, quantas pessoas saquearam tua vida sem que tu percebesse o que perdias, quanto te subtraíu uma tristeza inútil, uma alegria tola, uma cupidez voraz, uma conversa fútil, quão pouco te foi deixado do que era teu. Compreenderás que estavas morrendo prematuramente”. Qual é então a causa disso? Viveis como se sempre haveréis de viver, nunca vos ocorreu vossa fragilidade, não observais quanto tempo já transcorreu. Desperdiçais como se de uma fonte plena e abundante, quando, nesse ínterim, exatamente aquele dia que é doado a uma pessoa ou a uma tarefa talvez seja o último. Tendes medo de tudo como mortais, desejais tudo como imortais. Tu vais ouvir muitos dizendo assim: “A partir dos cinquenta anos vou me retirar, aos sessenta me liberarei de minhas obrigações”. E quem tomas como fiador de uma vida tão longa? Quem irá aceitar que as coisas se passem tal como dispões? Não te envergonha reservar para ti essas sobras de vida e destinar ao aprimoramento da alma apenas esse tempo que não poderias empregar em mais nada? Quanto é tardio começar a viver só quando é hora de terminar! Que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram! (SÊNECA, 2017, p. 10)

O filósofo de Córdoba, em referência a sua cidade de nascimento, na Espanha, volta-se principalmente para a questão do tempo como um elemento que deve ser utilizado como um aliado e não enxergado como um inimigo. O tempo é uma dádiva concedida a nós pela natureza, e qualquer infelicidade que venha nos acometer, seja pela falta ou pelo excesso de, não diz respeito ao tempo em si, mas sim a nossa má administração. Esse trecho recortado será debatido no próximo tópico, onde adentraremos na sua obra *Sobre a brevidade da vida*. Pro agora, de modo geral, temos o estoicismo como:

Os dicionários salientam três aspectos que caracterizariam o estoicismo: uma ética que propõe extirpar as paixões e assegurar a imperturbabilidade; a austeridade, rigidez e firmeza dos princípios morais; a resignação perante o destino e, portanto, a aceitação da dor, do sofrimento e do infortúnio. Essa imagem, ao salientar a resignação perante o destino, tende a supor que o estoico é fatalista, 1 o que, porém, não corresponde à doutrina estoica, que combate e refuta o fatalismo em nome de uma verdadeira compreensão do que seja o destino. (CHAUI, M, 2002, p. 115)

Se fôssemos brincar de tentar explicar um termo utilizando somente uma palavra, não seria ousadia afirmar que a palavra “aceitação” seria a que mais alcançaria o termo estoico:

Há o que depende de nós; há o que não depende de nós. Dependem de nós a opinião, o impulso, o desejo, a aversão, numa palavra, tudo aquilo de que somos os próprios agentes. Não dependem de nós o corpo, a riqueza, a reputação, os altos postos, numa palavra, tudo aquilo de que não somos os próprios agentes. As coisas que dependem de nós são naturalmente livres, sem impedimento, sem entrave; as que não dependem de nós são frágeis, servas, facilmente impedidas, próprias a outrem. Lembra-te, pois, disto: se tomas por livres coisas naturalmente servas, como próprias de ti as que são próprias de outrem, conhecerás contrariedade, aflição, perturbação, acusarás deuses e homens; mas se tomas por teu somente o que é teu, por próprio a outrem o que, de fato, lhe é próprio, ninguém jamais te constrangerá nem te impedirá, a ninguém dirigirás acusação ou censura, nada farás contra teu agrado, ninguém

te prejudicará, não terás inimigo, pois nenhum dano sofrerás (EPITETO, Manual, 1)

De primeiro momento, quando pensamos sobre a palavra aceitação na prática, é como se imaginássemos um ser que grita aos quatro ventos que é preciso aceitar as coisas como elas são, fechando as portas da investigação e abrindo uma janela da aceitação. Ora, se você aceita, não há o que olhar por trás da porta; apenas contemplar o que há na janela. Entretanto, é um engano enxergar o estoicismo como um remédio capaz de aliviar o grau de responsabilidade do sujeito em relação à sua vida, pois essa aceitação é resultado de uma vida em conformidade com a natureza, a qual somente se faz possível a partir de um processo de conhecimento de si e do todo. É preciso que exista uma clara distinção a respeito do que está ou não sob o domínio humano e essa distinção requer uma rigorosidade intelectual e prática da conduta humana, para que se possa, enfim, contemplar o que há na janela.

1.2. Sobre a brevidade da vida

Tão breve como o seu título, a obra *Sobre a brevidade da vida*, de Sêneca, se revela como um presente de grego paradoxalmente intrigante, pois nos faz refletir sobre a vida, comumente associada à vivacidade, a partir da morte, comumente associado ao perecimento. O tempo de leitura exigido é muito curto se comparado ao tempo de sua digestão, mais ainda se pensado como uma prática de vida. Como ato a ser estudado, refletido e praticado, o tempo que se leva é o tempo de uma vida inteira. Conceituado como um dos maiores propagadores do estoicismo, Sêneca trata da questão do uso do tempo frente à finitude humana, propondo reflexões a partir da importância que damos e o que fazemos do nosso tempo em vida sob o uso da razão e do cultivo das virtudes.

Ninguém vai restituir os teus anos, ninguém vai devolver-te de novo a ti mesmo. A vida segue a trajetória que iniciou e não retrocede ou detém seu curso. Não fará tumulto nem advertirá sobre sua velocidade: deslizará em silêncio. Ela não se prolongará por ordem de um rei, nem pelo favor do povo; transcorrerá do modo como foi determinada desde seu primeiro dia, não sofrerá nenhum desvio, nenhum retardo. O que irá acontecer? Tu estás ocupado, a vida se apressa; nesse ínterim, a morte irá chegar, para a qual, querendo ou não, terás de ter tempo. (SÊNECA, 2017, p.16).

Em todo o reino animal, o ser humano é o único ser consciente de sua própria consciência e finitude, e veio ao mundo programado com um período curto de existência se comparado aos outros seres. Aqui, existe um desnivelamento entre tudo aquilo que se deseja ser, realizar e viver e o tempo que parece ser diminuto diante da grandiosidade dos anseios humanos, e parece não ser humanamente possível conformar o tempo de vida com todas as possibilidades de existência. Assim, temos um quadro em que cada ser humano possui um leque com inúmeras possibilidades de existência, a busca pelo sentido máximo diante da vivência dessas possibilidades, o tempo como um condicionante geral e a finitude biológica como uma consequência desse limitador. A conta não fecha e parece não ser justo.

Se não somos em absoluto ingratos, aqueles tão preclaros fundadores de doutrinas sagradas nasceram para nós, prepararam a vida para nós. Por um trabalho alheio, somos conduzidos até as mais belas ideias, tiradas das trevas para a luz. Nenhuma época nos está vetada, temos acesso a todas, e se por meio da magnitude da alma desejamos sair das estreitezas da debilidade humana, há um espaço enorme de tempo para percorrermos. É possível discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, repousar com Epicuro, vencer com os estoicos a natureza humana, com os cínicos ultrapassá-la. Já que a natureza nos permite participar de qualquer época, por que não nos voltarmos por inteiro deste exíguo e cadente trânsito temporal para aqueles períodos que são imensos, que são eternos, que são compartilhados com mentes melhores? (SÊNECA, 2017, p.23).

Existe uma linha tênue entre o fascínio e o medo da morte, muito pelo modo como o ser humano compreende a vida e a morte. Nos questionamos sobre o porquê inicial, um porquê que antecede a vida, do mesmo modo que nos questionamos sobre o porquê final. Por que chegamos e por que partimos? O que há no início e o que há no fim? Pois ainda que vivos, em um sentido palpável e consciente de um agora, não sabemos, de fato, o porquê de termos adentrado a porta da vida, assim como não sabemos o que há por detrás da porta da morte. O acalento existencial, quase que como um apego, existe justamente pelo fato de existirmos, recebemos o presente como uma dádiva e entendemos a nossa vida como algo intransferível. Há quem diga que a Filosofia é tudo, que tudo é Filosofia. Será que ela é isso tudo? ... pois é tudo isso e um pouco mais. É possível afirmar que sim, a Filosofia está em tudo, entretanto é necessário que os olhos humanos sejam rigorosamente educados para enxergá-la em suas múltiplas facetas. Uma educação rigorosa e contínua, que precisa ser alimentada diariamente de base teórica para que seja regurgitada como uma prática moral de vida. Esse processo de letramento requer tempo. Ainda que o pensamento sobre a morte não seja uma constante na vida, é fato que algum dia será. Talvez não hoje, mas algum dia, e será preciso estar atento e forte, como em a canção “Divino Maravilhoso”, eternizada na voz de Gal Costa:

Atenção
 Precisa ter olhos firmes
 Para este sol
 Para essa escuridão
 Atenção
 Tudo é perigoso
 Tudo é divino, maravilhoso
 Atenção para o refrão
 É preciso estar atento e forte
 Não temos tempo de temer a morte (Veloso e Gil, 1968).

Para os estoicos, especialmente para Sêneca, o tempo em vida não deve ser destinado ao seu uso como trilha sonora de uma investigação da transição do ser para o não ser, momento em que a finitude se estabelece, e sim para que a tranquilidade sobressaia a inquietação diante das incertezas existenciais. Isto é, o tempo em vida deve ser utilizado para viver, e aqui o viver carrega uma ânsia pela plenitude, e deve ocorrer de modo ponderado, ordenado, virtuoso e feliz. Um viver em consonância com a natureza subordinado ao uso da razão. A natureza segue uma ordem absoluta, que dança ao som maximamente agradável, em um ritmo perfeitamente harmonioso com o todo, e o ser humano subordina-se a sua regência, tomada como um espelho

no qual devemos nos espelhar. A partir disso, não seria pequeno dizer que a direção do sentido da vida caminha rumo a felicidade. Que o sentido da vida é ser feliz; não poderia não o ser. Como, então, viver uma vida boa, a partir de Sêneca?

Todos os homens, caro Galião, querem viver felizes, mas, para descobrir o que torna a vida feliz, vai-se tentando, pois não é fácil alcançar a felicidade, uma vez que quanto mais a procuramos mais dela nos afastamos. Podemos nos enganar no caminho, tomar a direção errada; quanto maior a pressa, maior a distância. Devemos determinar, por isso, em primeiro lugar, o que desejamos e, em seguida, por onde podemos avançar mais rapidamente nesse sentido. Dessa forma, veremos ao longo do percurso, sendo este o adequado, o quanto nos adiantamos cada dia e o quanto nos aproximamos de nosso objetivo. No entanto, se perambularmos daqui para lá sem seguir outro guia senão os rumores e os chamados discordantes que nos levam a vários lugares, nossa curta vida se consumirá em erros, ainda que trabalhemos dia e noite para melhorar o nosso espírito. (SÊNECA, 2012, I, p. 4)

O ser humano tende a se preocupar mais com a questão do tempo em vida, desejando que mais anos fossem acrescentados ao seu relógio biológico, do que com a questão da felicidade. Isto é, o ser humano se demora com o desejo imaginário de uma vida longa e se distancia da possibilidade de uma vida feliz, e assim desvia os seus olhos e o seu coração daquilo que deveria ter como alvo. Essa preocupação maior com o tempo, como um marcador temporal, evidencia a dificuldade humana em se comprometer consigo mesma, e aqui podemos pontuar que se não há, inicialmente, uma preocupação voltada para si, para o ser humano como um indivíduo e agente da sua própria vida, isso tende a fragilizar o coletivo. Então, quando se diz que é difícil alcançar a felicidade, não é como se essa dificuldade estivesse localizada na felicidade em si, como se esta fosse um estado de alerta ou inquietude; não, a felicidade é simples. O que vem antes dela, e o que vem depois para que se possa mantê-la é que requer disciplina.

Assim, depois de ter falado sobre os três princípios do estoicismo, lógica, física e ética, e das quatro virtudes estoicas, sabedoria, coragem, justiça e moderação, chegamos até aqui, ao momento em que depois de termos sido alimentados pela base teórica estoica esperamos pelo seu regozijo como uma prática moral de vida. É possível iniciar dizendo que a ética é um pré-requisito para uma vida boa. Uma vida feliz é uma vida virtuosa e essa associação é indissolúvel. A vida, como um arcabouço orgânico que tudo envolve, tem o seu pulmão preenchido pelo ar divino, do cosmos, e se o que inspira tem um traço harmonioso, o que expira não poderia não o ter. Nesse caminho, na busca pela felicidade, devemos ser guiados unicamente pela natureza.

A felicidade é, por isso, o que está coerente com a própria natureza, aquilo que não pode acontecer além de si. Em primeiro lugar, a mente deve estar sã e em plena posse de suas faculdades; em segundo lugar, ser forte e ardente, magnânima e paciente, adaptável às circunstâncias, cuidar sem angústia do

seu corpo e daquilo que lhe pertence, atenta às outras coisas que servem para a vida, sem admirar-se de nada; usar os dons da fortuna, sem ser escrava deles. (SÊNECA, 2012, p. 6)

Se pontuamos sobre uma vida boa é pelo fato de existir uma vida que não é boa, o que abre o debate a respeito do prazer. Comumente relacionado ao prazer da carne, em um sentido meramente do corpo, aqui podemos estender a lista de atributos que seguem o rastro do prazer. De ordem servil, efêmero e externo ao ser humano, tende a calçar os pés de todos aqueles que não tem o domínio de si, por carecer de um autoconhecimento. O prazer como um vício degenerativo vem de fora, e resulta sempre a partir de um outro que não do interior daquele que se vê submisso ao vício. O prazer se relaciona com o vício na medida em que o ser humano se vê preso às amarras e delas não deseja se desprender, pois dali pode se tirar o maior dos proveitos em relação à soberba e autocomplacência humana. Existe uma grande resistência ao processo de reflexão sobre os seus pensamentos, desejos e atos, pois o ser humano, de modo geral, não quer se dispor a uma reformulação de caráter, de postura. E o vício, como uma roda quebrada que continua girando por mãos cansadas, se alimenta dessa indisposição e da efemeridade que acompanha a sensação de alegria após alguma conquista por meio desse traço corruptível. Pois quanto mais se empolga com aquela sensação, maior precisa ser a dose para uma próxima rodada, estabelecendo aqui uma relação de submissão, em que o ser humano se vê refém do prazer. Se a felicidade só é possível por vias virtuosas, não é e nem pode ser feliz aquele que não se dispõe a vida como uma empreitada que requer responsabilidade.

Mas também a alma, dirão alguns, tem os seus prazeres. Concordo que os tem. Ela se torna centro e árbitro da sensualidade e dos prazeres. Então, enche-se de todas as coisas que tendem a deliciar os sentidos. Volta o pensamento ao passado e, lembrando prazeres, recompõe sua experiência e indaga por aqueles ainda por vir. Assim, enquanto o corpo é abandonado aos festins presentes, a mente corre com o pensamento ao encontro de prazeres futuros. Tudo isso me parece mesquinho, já que preferir o mal ao bem é loucura. Ninguém pode ser feliz se não tiver a mente sadia, e, certamente, não a tem quem opta por aquilo que vai prejudicá-lo. É feliz, por isso, quem tem um julgamento correto. Feliz é aquele que, satisfeito com sua condição, desfruta dela. Feliz é quem entrega à razão a condução de toda a sua vida. (SÊNECA, 2012, VI, p. 9)

Nós chegamos ao mundo inscritos em uma dualidade existente, como, por exemplo, sol e chuva, quente e frio, dor e prazer, riso e choro, nascimento e morte. Então, a nossa chegada ao mundo já acompanha a previsão de um compilado de situações que nos esperam, sendo elas boas e ruins. Não existe nenhum ser humano que já não tenha experienciado o sofrimento, assim como não existe nenhum ser humano que já não tenha gozado de felicidade. Não existe nenhum ser humano que não tenha experienciado a morte de um outro, assim como não existe nenhum ser humano que já não tenha experienciado o nascimento de seu semelhante, ainda que este não seja do seu círculo próximo ou do seu núcleo familiar; basta que ande na rua e enxergue outro

ser humano para saber que a roda da natureza gira em uma perfeita harmonia. E se ainda nada disso experienciou, saiba que irá experienciar. Sendo o mundo um organismo racional, regido por uma lei perfeitamente harmoniosa, este já possui essa dualidade inscrita em sua ordem, portanto não se deve antecipar o que ainda há por vir, pois quando se antecipa, isto é, quando se vai contra ao que lhe é determinado, ocorre uma supressão dessa dualidade, fazendo com que a vida se limite ao sofrimento, ao estado de permanência da dor. Em outras palavras, é fato que algum dia você irá se decepcionar, sofrer e se lamentar, mas se esse dia não é hoje não há razão para você antecipar tal sofrimento. Não é racional ir contra a programação da vida. Isso só tende a nos afastar da felicidade.

Por fim, sabemos que somos seres únicos, individuais, apesar de imersos em um coletivo de tudo que há e que compartilha de uma existência conosco, sendo animada ou não, sendo corpórea ou não; é vasto o que nos rodeia. Em nome da nossa singularidade, não poderia ser diferente em relação ao sentido da vida. É um caminho individual, pelo qual somente o ser que vive aquela vida pode passar, ainda que existam as ilusões de se terceirizar responsabilidades e fazeres. Como ele, a felicidade também não é a mesma para todos os seres humanos. O que existe, de fato, como um denominador comum e que acompanha a todos, é o desejo pela busca de um sentido que pulsa nas veias humanas. Veja bem, o sentido da vida não é universal, mas a busca por ela, é.

1.3. Filosofia estoica em tempos de pandemia

No ano de 2020, a humanidade foi confrontada com um acontecimento que mudou drasticamente o curso da nossa história: a COVID-19, uma doença viral causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que se espalhou rapidamente e resultou em uma pandemia mundial. As medidas de controle e prevenção incluíam o uso de máscara facial, lavagem frequente de mãos e pés, isolamento social e vacinação em massa. Os impactos da COVID-19 foram muitos e profundos e afetaram diversos aspectos da vida em escala global. De saúde pública à economia, de educação às relações interpessoais, os seus efeitos puderam ser percebidos em todas as esferas sociais. Segundo a OMS (2022), no Brasil, chegamos à marca de 700 mil mortes pela doença, fazendo parte dos quase 7 milhões de mortes ao redor do mundo. Com respeito ao caráter ético e, sobretudo, de sensibilidade para com o próximo, o presente trabalho não tem como objetivo instrumentalizar a pandemia, ou trata-la como um mero objeto de estudo, e sim propor reflexões filosóficas a partir da evidência da morte e da sua relação com a filosofia estoica.

É fato que a pandemia trouxe à tona a inevitabilidade da morte, e com ela, quase que de passagem, vieram os manuais de como alcançar uma vida feliz frente ao caos que fora estabelecido. Além do impacto da mortalidade, a necessidade do distanciamento físico e do isolamento social trouxeram consequências psicológicas e emocionais para todos os seres humanos, evidenciando uma lacuna que, talvez, somente a filosofia poderia preencher. Com o isolamento social, a solidão se tornou presente e o ser humano se deparou com uma situação de confronto consigo mesmo, ao precisar voltar, diariamente, os olhos para a sua própria imagem e se incomodar com o seu reflexo, se distanciando da imagem de “uma mente bem ordenada é a habilidade de um homem em permanecer em um lugar e ficar em sua própria companhia.” (SÊNeca, Carta 2, §1). Sozinhos, a nossa percepção do tempo se alterou e as horas no relógio tardavam a passar, como se estivessem se arrastando junto com os nossos pesares diários. Se antes era dito aos quatro ventos que a filosofia não serviria para nada, esse nada agora tornava-se tudo, poderiam dizer os mais desprendidos da rigorosidade filosófica, e essa mudança pode ser notada no aumento pela procura de livros de autoajuda, perigosamente associados ao estoicismo.

Segundo o Clube de Autores⁸, primeira plataforma brasileira de auto publicação de livros, no período de janeiro e agosto de 2021 houve um aumento de 51% na procura pelo gênero de autoajuda, o qual geralmente funciona como um guia prático de resolução de problemas. E que questão seria a maior das questões humanas se não a própria existência humana? Qual seria a busca última se não a busca pela felicidade?

Na Grécia antiga, alguns filósofos eram chamados de médicos da alma. Especialmente no período helênico, quando a religião grega foi colocada em cheque pela dominação macedônica, a filosofia incorporou objetivos terapêuticos, até então menos relevantes do que as especulações sobre a natureza. As escolas estoica e epicurista representam em alto nível o pensamento que alia o estudo da física, da lógica e da ética em função da libertação dos temores, da boa disposição de si, da relação harmoniosa com a cidade e com os outros. (LAURO, 2023)

Mais uma vez, o ser humano se encontra em um cenário de conflito, agora imerso no medo e na insegurança, e a palavra do estoicismo é vendida como um antídoto, ainda que não tenha tido esse retorno glamuroso do filósofo como médico da alma. Pelos julgamentos imediatistas, a Filosofia é anunciada com uma luz no fim do túnel, e o estoicismo como uma promessa de calma diante da tormenta, entretanto podemos nos adiantar e afirmar que não há túnel e que essa promessa não pode nem poderia ser cumprida. Não é a Filosofia que faz essa promessa. Mas quem além dela poderia propor alguma solução? Talvez a Ciência, diriam alguns. Seja como for, a pandemia da COVID-19 evidenciou que a palavra de ordem, ainda que relegada do seu real valor, é a palavra cuidado.

É importante destacar que esse trabalho não tem como proposta hierarquizar conhecimentos ou estabelecer parâmetros teóricos, mas somente diferenciar aquilo que pode ou não ser resolvido por determinadas vias de saberes. Por mais que esse apontamento não seja de todo unânime, não seria errado afirmar que as ciências não dão conta de tudo. Nem poderiam. Na verdade, elas parecem conter aqueles dados mais brutos, tão exatos como o ser humano jamais poderia sê-los, nem nos sonhos mais lúcidos, e para além disso sobra todo um resto de projetos existenciais inacabados que fogem de qualquer explicação ou demonstração física. A partir disso, poderíamos afirmar que somente a Filosofia é capaz de tratar das questões puramente humanas, as quais não podem ser compreendidas pelo prisma científico, como em “a teoria quântica pode explicar por que o Big Bang aconteceu, mas não responde à questão que mobiliza você, a questão de existência...” (HOLT, 2013, p. 141). Somente a Filosofia é capaz de preencher aquele espaço em branco assim deixado por outros métodos. E é fundamental

⁸ O Clube de Autores é o primeiro site brasileiro que permite a publicação gratuita de livros de forma 100% sob demanda. Ele é responsável por mais de 27% dos livros publicados no Brasil.

perceber que essa não resolução por meio da Ciência ocorre pela incapacidade de alcançar o ser humano em sua essência, em sua totalidade. As mãos da Filosofia alcançam aonde as mãos da Ciência não conseguem chegar.

A Filosofia diz respeito ao ponto mais íntimo do ser humano e essa relação pode ser compreendida através dos estudos estoicos, se tratados com o devido respeito que devem ser manejados. Antes de ter a filosofia estoica como uma prática de fato, existe um longo caminho teórico a ser percorrido e refletido, tendo em vista que esse sistema, antes de tudo, se trata da percepção de si como parte de um todo, que se encontra em uma perfeita comunhão com o cosmos racional, estando calçado pelos princípios da lógica, da física e da ética. Inicialmente exige o estudo da Natureza do cosmos, das teorias relativas aos três princípios, além da compreensão dos movimentos que ocorrem dentro dessas três lacunas, para que siga para o estudo e a prática das virtudes humanas. A contemplação e execução desses três princípios não pode ter o seu tempo de preparo nem de ato comparado ao enganoso estoicismo de livreto, anunciado como se fosse uma panaceia universal.

Se o livro de autoajuda tivesse um dispositivo de IA capaz de ler a si próprio, como em uma terceira pessoa, e pudesse ao fim escrever uma resenha, facilmente se gabaria gritando aos ventos que precisamos aceitar aquilo que não se encontra e o que se encontra abaixo do controle humano. Ou elencaria as melhores estratégias para alcançar o sucesso e a felicidade. Entretanto essas falas não correspondem a dificuldade da sua internalização ou da sua prática, muito pelo contrário. É mais fácil falar porque a fala se adianta de tudo, inclusive da nossa responsabilidade com a prática. A fala descompromissada pode ser produzida de imediato, porque não depende de uma argumentação sólida, construída a partir de referências bibliográficas nem de uma validação que contemple a subjetividade humana. Eu posso falar daquilo que não faço ou daquilo que não vivo, sem compromisso algum com a realidade. Por isso a importância de se evitar os atalhos que são diariamente divulgados como sendo parte do mapa oficial da felicidade – como se existisse. E se houvesse, certamente o destino final não seria o mesmo que aquele alcançado pelo trajeto mais demorado, o trajeto do saber.

Em retorno à questão inicialmente colocada nesse tópico, o que poderia, então, explicar o aumento da procura pela Filosofia, mais especificamente pelo estoicismo, durante a pandemia da COVID-19?

Diante de tudo que foi trabalhado até agora, poderíamos arriscar afirmando que a morte é a nossa mola existencial, o calcanhar de Aquiles do ser humano. É a partir dela que a nossa

existência se demonstra frágil e parece carecer de um motivo, de uma justificativa pela nossa presença no mundo, afinal, estamos vivos quando poderíamos não estar. E quem, se não a filosofia estoica, para nos ajudar nessa empreitada existencial que contém a maior adversidade existente, que é a morte? E por que não a tratar como uma auto ajuda?

No sentido literal, uma auto ajuda seria toda a ajuda que você pode dar a si mesmo. Ou então poderíamos substituir por auto cuidado e até mesmo por desenvolvimento pessoal, como o termo vem sido tratado nos últimos anos, considerando que todo ser humano precisa se desenvolver, precisa de ajuda e precisa se cuidar. A pandemia da COVID-19 evidenciou que a palavra de ordem, até então relegada do seu real valor, foi a palavra *cuidado*. Esse termo nunca esteve tão em alta como nessa janela de dois anos. E não só como um símbolo de promoção da saúde pública, como uma ação protetiva ou até como um ato necessário para a sobrevivência humana, mas, sobretudo, como um ato de presença no mundo. A mão do cuidado é a mão que segura e carrega o ser humano. Sendo do interesse do trabalho, a noção do cuidado (*Sorge*) será trabalhada a partir da compreensão do filósofo alemão Martin Heidegger, em sua obra *Ser e tempo*, a qual será utilizada de fundo para outro debate no próximo capítulo. Por ora, para a questão aqui colocada, do cuidado, importa o seguinte trecho da fábula de Higino na obra citada:

Certa vez, atravessando um rio, “Cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a “Cura” quem primeiro o formou, ele deve pertencer à “Cura” enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar “homo”, pois foi feito de humus (terra). (HEIDEGGER, 2005, § 42 p. 263)

Colocado como um testemunho pré-ontológico, uma narrativa que antecede a presença do ser no mundo, esse trecho evidencia que o cuidado (*Sorge*) é anterior ao ser humano, e que dele sucedeu o molde humano como um algo que existe e que ocupa um lugar no mundo. O ser humano pertence ao cuidado, considerando-o aqui como uma possibilidade histórica temporal, uma pré-ocupação que acompanha todo ser humano a partir do seu nascimento. Isto é, quando chegamos ao mundo, quando nascemos, já trazemos conosco o nosso assento marcado em uma determinada posição; já chegamos pré-ocupando um núcleo social, como uma família, por exemplo. Nós nascemos e somos lançados ao mundo sentados em uma cadeira demarcada, a

qual já se encontra em relação com a cadeira o outro. Essa pré-ocupação existe por meio do cuidado.

O modo mais imediato de cuidado se dá como ocupação (Besorgen). As ocupações com os entes intramundanos, de fato, preenchem os dias do homem. A cada dia toca o seu cuidado. O cotidiano é, neste sentido, o tempo das ocupações, da vida. É no ordinário do cotidiano que a presença tem a experiência do extraordinário que é existir. É na familiaridade do ser-no-mundo a partir das ocupações cotidianas que se cumpre a sua estranha forma de ser: a estranheza de existir. Desta estranheza normalmente ela já fugiu e, movida pela angústia latente desta estranheza, que traz entranhada o saber de sua facticidade e de sua mortalidade, ela já se lançou em mil cuidados e já se dispersou em fazeres e afazeres desarraigados; já se entregou também à ditadura do impessoal e abriu mão do poder-ser si-mesma, delegando “aos outros” o que ela deve ser, dispersando-se no falatório, na curiosidade e na ambiguidade da (in-)compreensão habitual e corriqueira. (FERNANDES, 2011, p. 164)

O cuidado reside nas entranhas humanas, como um caule que sustenta todo o corpo das folhas, flores, frutos, e também como a raiz de um vegetal. Não há vida sem o cuidado. Na pandemia, mais do que nunca, se seguiu a ordem dessa máxima de um cuidar-se de si, e assim cuidar do outro, vinculando esse exercício do cuidado à manutenção da existência humana. Ainda que esse movimento possa ser lido inicialmente como uma ação visando a saúde do corpo, ou como uma ação preventiva se relacionado ao bem-estar físico e mental, existe de fundo uma necessidade anterior que nasce conosco, que é a necessidade da ocupação, de ser um ser como presença, que afeta e que é afetado pelas coisas que nos rodeiam - seja pelas mãos de outros seres humanos ou dos fenômenos - mas que acaba tendo a sua real finalidade ofuscada por outras ocupações que não as que devem ser consideradas como prioridades. Se o cuidado fosse uma pequena bolsa, nela estariam o projeto do ser-aí, o mundo em que o ser-aí se encontra e todos os demais entes. Aquele trio inseparável e que não se deixa de levar à mão.

A pandemia foi um momento em que o ser humano gritou por um socorro que foi escutado por todos os ouvidos, incluindo os que nunca haviam escutado esse grito ensurdecido de uma existência aflita e ameaçada quando se viu em frente ao seu algoz. A autoajuda foi e continua sendo uma ocupação que desvia o ser humano da sua ocupação necessária consigo mesmo, do encontro que precisa acontecer entre você e o seu ser desnudo por completo, sem qualquer venda ilusória que distancie o ser humano da sua única e intransferível possibilidade que gera a impossibilidade, que é a morte. Aqui, podemos observar pelo buraco da fechadura existencialista, uma rápida piscadela do que será tratado no próximo capítulo, que é o movimento posterior a pré-ocupação do ser humano no mundo e a sua relação com as implicações advindas dessas ocupações banalmente por nós laboradas.

CAPÍTULO 2

Introdução ao Existencialismo

Se pudéssemos carimbar somente três palavras na folha do existencialismo, não restariam dúvidas de que escolheríamos o conjunto *liberdade, individualidade e responsabilidade*. Talvez esse trio seja o que mais consiga êxito na tarefa de desnublá-lo o sopro brumoso da existência pelo qual estamos envoltos. Para a linha teórica aqui escolhida, não interessaria uma investigação sobre aquele que sopra ou sobre a composição da matéria que produz o cinzento do sopro, se distanciando das questões anteriores à produção do sujeito. Os olhos do existencialismo não se voltam para a investigação de uma natureza humana ou para uma metafísica da liberdade, mas repousam sobre a tentativa de captar um alvo que está sempre em movimento: o ser humano. E o que teríamos feito, senão existir, para que justificasse essa mira sobre nós? A existência humana deve ser contemplada.

O enquadramento do ser humano como um alvo não possui conotação penal, como se tratasse de um prisioneiro em fuga, longe disso; o alvo se direciona ao fim, ao propósito da reflexão existencialista que se atém ao ser humano como um projeto de vida, que ao ser soprado, não interessando o passo anterior, carrega consigo uma maleta a ser preenchida pelo caminho que escolher trilhar. O existencialismo foca no indivíduo como o protagonista, um agente de si mesmo e diz respeito ao ato da escolha; a liberdade é uma das peças-chaves para compreender essa corrente filosófica, que coloca em uma mesma balança as escolhas individuais que fazemos e as consequências dessas escolhas. É pesado existir pois há peso em tudo aquilo que escolhemos e também na ausência dessas escolhas, considerando que a recusa à escolha já é um exercício da liberdade em si.

E sob o exercício da liberdade, foi pelas mãos do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, em meados do século XIX, que o existencialismo se configura pela primeira vez, ainda que possamos encontrar fagulhas de um pensamento existencialista desde os antigos, como em Heráclito com o seu eterno devir ou até mesmo em Sócrates com a sua máxima “conhece-te a ti mesmo”. Kierkegaard⁹, considerado como o “pai do existencialismo”, coloca em evidência a relação do ser humano com a sua realidade concreta, se afastando das

⁹ Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo e teólogo dinamarquês, que tinha como foco de estudo o ser humano e a sua existência; lhe foi caro tratar sobre a angústia, liberdade e o desespero. Entre as suas principais obras, podemos destacar: *Enten - Eller* (1843), *Temor e Tremor* (1843), *Migalhas Filosóficas* (1844) e *O Conceito de Angústia* (1844).

investigações sobre conceitos abstratos. Para ele, o modo de filosofar até então estabelecido não era capaz de satisfazer as questões fundamentais da existência de cada ser humano. Das teorias mais complexas e bem elaboradas do âmbito metafísico à sistematização racional, a singularidade de cada um não se fazia sentida e sequer compreendida. Era preciso, então, que o significado da existência humana fosse procurado na própria existência, de modo que essa busca exaltasse a individualidade frente a liberdade e a responsabilidade de cada ser humano diante da sua vida.

Fazendo jus ao pé da letra do enaltecimento da singularidade humana, o existencialismo não se permite se configurar enquanto uma escola de pensamento como tantas outras em que se define um grupo de pensadores seletos que discutem sobre um mesmo tema. Aqui, não há uma formação de coletivo no seu sentido militante ou o acontecimento de um encontro para o chá da tarde. Apesar disso, é possível reunirmos filósofos que, ainda que se distanciassem, e muito, quanto às questões culturais, religiosas e políticas, se aproximavam em nome de uma existência precedente a essência, por mais que rejeitassem o rótulo de existencialistas. Do cristão ao ateu, ao lado de Kierkegaard, se encontram outros grandes filósofos, como o de Friedrich Nietzsche¹⁰, Martin Heidegger¹¹, Jean-Paul Sartre¹² e Albert Camus¹³.

A escolha desse recorte em cima de Heidegger, ainda que a discussão sobre o seu pertencimento ou não ao existencialismo esteja em aberta, se deu pela sua contribuição teórica a respeito do movimento que ocorre entre o ser-aí e o ser-para-a-morte, movimento este que será trabalhado nas próximas páginas para que depois possa se relacionar ao estoicismo. Por mais que a sua preocupação não fosse com o sentido individual da vida, o seu estudo nos permite essa reflexão. Pois ainda que o filósofo tenha voltado os seus olhos para a ontologia do ser, para a compreensão da sua natureza maior e não como um ser humano particular, o caminho que foi percorrido pavimentou o chão para a discussão existencialista, que se aproxima do ser humano como o ser biológico e social que conhecemos e que é o que nos interessa para a discussão sobre o sentido da vida e o modo como essa busca se relaciona com a morte.

Heidegger considera friamente a condição humana e anuncia que essa existência é humilhada. A única realidade é o “cuidado”, em toda a escala dos

¹⁰ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), sendo as suas principais obras: A Gaia Ciência (1882), Assim Falou Zaratustra (1883), Além do Bem e do Mal (1886) e A Genealogia da Moral (1887).

¹¹ Martin Heidegger (1889-1976), sendo as suas principais obras: Novas Indagações sobre a Lógica (1912), Ser e Tempo (1927), Que é a Metafísica? (1929) e O Que é Isto, a Filosofia? (1956).

¹² Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), sendo as suas principais obras: A Náusea (1938), O Muro (1939), O Ser e o Nada (1943), O Existencialismo é Um Humanismo (1946) e As Palavras (1963).

¹³ Albert Camus (1913-1960), sendo as suas principais obras: O Estrangeiro (1942), O Mito de Sísifo (1942), A Peste (1947) e O Homem Revoltado (1951), além de peças de teatro, como Calígula (1944) e OS Justos (1949).

seres. Para o homem perdido no mundo e suas distrações, tal cuidado é um breve e fugidio medo. Mas eis que esse medo toma consciência de si mesmo e torna-se angustia, ambiente perpétuo do homem lúcido, “no qual se reencontra a existência”. (CAMUS, 2021, p. 38)

Além disso, assim como ocorre com os filósofos do pórtico, Heidegger retorna aos filósofos antigos para tratar da questão do ser, questão esta que se mistura com a questão da própria Filosofia. O que é o ser? E o que é a Filosofia? Para ele, essas duas questões se atravessam de tal modo que se revelam inseparáveis. Como foi sacramentado por Aristóteles¹⁴, a Filosofia nasce do espanto, daquele instante em que o inédito do todo se revela para os olhos nus em um movimento máximo do despertar racional, e é esse instante que sela a união indissolúvel entre o ser humano e a Filosofia. Ao retomar o ponto de partida dos filósofos gregos, Heidegger faz um apontamento sobre o direcionamento dado inicialmente por eles, que para a pergunta primeira do ser, do que seria o ser, a resposta já teria guinado para uma finalidade. Então, ao se perguntar “o que é o ser?” também se pergunta “para que é o ser?”, “qual é a razão desse ser?”, “qual é o sentido desse ser?”. Não se limita ao *ser é*, mas se estende ao *ser que é*, que é *para algo*. Não um *quem*, mas um *que*. E assim, o enigma inicial da existência, o espanto da vida como um fato bruto, logo é tomado pelo sopro da instrumentalidade.

Apesar de a instrumentalidade heideggeriana ser uma fonte frutífera para o debate filosófico, o presente trabalho não irá se demorar sobre a questão da técnica¹⁵, ainda que pudesse de muito aproveitá-la para, talvez, explorar a questão do sentido da vida como uma técnica da felicidade, na medida em que buscamos desesperadamente uma razão para esse ser, para que esse ser seja. Para o momento, nos satisfaz tratar dessa questão do sentido inicial como uma questão que nos molda e nos direciona para um algo, e é essa percepção de uma necessidade de um direcionamento que nos interessa, a qual deve ser criteriosa quanto a sua formalização na vida de cada ser humano.

¹⁴ Em sua obra *Metafísica* diz que, “de fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples” (ARISTÓTELES, Livro A, p. 11).

¹⁵ A questão da técnica em Heidegger foi discutida, inicialmente, em uma conferência cujo título é *Die Frage nach der Technik* (A questão da técnica), no dia 18 de novembro de 1953, na cidade de Munique. Essa questão volta a aparecer em seus textos, especialmente em sua obra *A Origem da Obra de Arte* (1950). Heidegger questiona o duplo sentido atribuído a técnica, instrumental e antropológico e propõe uma terceira perspectiva, a técnica enquanto um modo de ser.

2.1. Existencialismo em Heidegger

Agora entramos em uma nova fase, já no século XX, em que o filósofo alemão Martin Heidegger propõe um resgate do estudo da ontologia, o estudo do Ser, e retoma a proposta existencialista agora a partir de uma busca pelo sentido do Ser, o qual somente poderia se dar pelo estudo desse próprio ser no mundo. Aqui, o estudo da Filosofia se volta para o seu objeto de estudo, sendo o ser humano o sujeito e também o objeto de estudo. É válido dizer que essa retomada da ontologia ocorre como uma tentativa de alavancar a Filosofia que se encontrava à margem do campo de pesquisa, considerando que o cenário da época retratava uma ciência bastante desenvolvida e consolidada e uma psicologia no caminho de ocupar o lugar da Filosofia na sociedade. Era, então, preciso agir; agir *filosoficamente*. .

O filósofo da floresta negra, em referência ao local onde nasceu na Alemanha, inaugura um novo momento da fase existencialista com a sua obra *Ser e Tempo* (1927), a qual contribuiu calorosamente com o debate sobre o ser humano em busca pelo sentido do ser. Para a busca desse sentido, Heidegger estuda o ser do ser humano, sendo esse ser denominado de *Dasein* ou “ser-aí”. Para ele, o ser humano existe no mundo e é no mundo que ele se realiza enquanto ser, não havendo nada fora disso que pudesse possibilitar qualquer outro tipo de existência. O ser humano existe e ele existe no mundo: as respostas se encontram aqui dentro e não lá fora. Essa colocação de que a nossa existência somente existe no mundo fecha uma discussão que poderia questionar a etapa anterior dessa existência. Nós não escolhemos nascer, mas nascemos, isso é um fato, e chegamos ao mundo como se tivéssemos sido lançados para cá. Sem manual algum de instrução viemos parar aqui: eu existo, e agora?

E agora você não é, mas será.

Com esse substantivo verbal, Heidegger abre a porta do existencialismo trazendo a noção de transcendência, que coloca o ser humano como um projeto vivo, em andamento, que não será capaz de se concluir definitivamente pela possibilidade da impossibilidade que nos cutuca diariamente. Como o projeto de ser que somos, seguimos construindo nossas identidades, cultivando relações com outros seres, estabelecendo metas, executando ações e vivendo dia a pós dia, sem perceber, ou sem refletir profundamente, sobre o movimento contínuo que faz o nosso ser diariamente, um ser que não é, mas que vem sendo. O ser humano se manifesta na existência a partir da sua vivência, e existir necessariamente implica em uma projeção para o futuro. O amanhã é saudosamente aguardado, ainda que essa espera não seja

contemplada por olhos atentos, ainda que não compreendamos, de maneira lúcida, que esperamos por nós mesmos. Mas não por aqueles que fomos no mês passado. Se o ser existe como ato, e esse ato se possibilita pela liberdade do vir-a-ser, é preciso compreender que essa escolha de esperar por uma versão diferente de si mesmo, uma versão aperfeiçoada, somente se concretizará, pelo menos por um instante, se um projeto responsável de si mesmo tiver sido construído. Isto é, o ser precisa se responsabilizar pelo que é e pelo que poderá vir a ser, de modo que não há como terceirizar a sua existência.

O ser como projeto no mundo está sujeito a três condições, as quais acabam por delimitar um espaço em que se faz possível todos os nossos movimentos. Em primeiro¹⁶, temos o ser-aí¹⁷ que é um *ser-no-mundo*, onde nos encontramos mergulhados nos fatos do mundo. Essa primeira condição da projeção é a *facticidade*, a qual condiciona e delimita as projeções do ser. Tudo aquilo que eu posso ou não projetar. Que eu existo, que eu nasci com determinado sexo e não com outro, que eu nasci em determinada época e não em outra; fatos que fogem da liberdade do ser humano. Nada muda ao dizer que não pediu para nascer já tendo nascido.

Em segundo¹⁸, temos o ser-aí que é um *ser-com-os-outros*, um ser que é social no sentido de se relacionar, compartilhar e projetar projeções de existências anteriores, como um ser que se encontra em movimento junto com outro ser que também se encontra em movimento, cada qual de seu modo particular. O ser-aí é igualmente um *ser-com-os-outros*, pois a minha existência, ainda que seja sentida de modo particular, não é somente a minha existência, mas também a do outro. Cada ser humano, submerso na facticidade do mundo, possui a sua particularidade mundana, e ao olhar para o lado, se depara com o mesmo cenário, mas de um outro ser que não o seu. Aqui, residem as crenças, os princípios, os valores, os sentimentos; tudo aquilo que possa ser compartilhado ainda que seja experienciado e sentido de maneira única por cada ser.

¹⁶ A pre-sença nunca é "primeiro", um ente, por assim dizer, livre de ser-em que, algumas vezes, tem gana de assumir uma "relação" com o mundo. Esse assumir relações com o mundo só é possível porque a pre-sença, sendo-no-mundo, é como é. Tal constituição de ser não surge do fato de, além dos entes dotados do caráter da pre-sença, ainda se darem e depararem com ela outros entes, os simplesmente dados. Esses outros entes só podem deparar-se "com" a pre-sença na medida em que conseguem mostrar-se, por si mesmos, dentro de um mundo. (HEIDEGGER, 2005, p. 96)

¹⁷ O termo *Dasein* é comumente traduzido como "ser-aí", entretanto, foi inicialmente traduzido como "pre-sença", sendo este o termo utilizado na obra citada neste trabalho.

¹⁸ O ser com os outros pertence ao ser da pre-sença que, sendo, está em jogo seu próprio ser. Enquanto ser-com, a pre-sença "é", essencialmente, em função dos outros. Isso deve ser entendido, em sua essência, como uma proposição existencial. (HEIDEGGER, 2005, p. 175)

Em terceiro¹⁹, temos o ser-aí que é um *ser-para-a-morte*, um ser que está sujeito ao tempo como finitude temporal, que tem o fim biológico como o ponto final de todo projeto do ser. Ao nos projetarmos, nos lançamos sempre para a frente, e cada vez que saltamos, seja uma curta ou longa distância, mais nos encaminhamos para o fim factível que é a morte. Não se projeta para trás, é sempre para a frente. Enquanto vivos, o mais próximo que chegamos dela é através da experiência do outro que morre. É sempre sobre a morte do outro ser que não seu. Não é possível experienciar o não-ser enquanto um ser que ainda é. Então, tudo o que conhecemos dela, vem do projeto cessado do outro ser.

Nós nos diferenciamos dos outros seres vivos na medida em que nos concebemos enquanto seres finitos capazes de questionar e refletir sobre essa finitude. O ser humano é o único animal consciente do seu próprio fim, que não foi ontem, que talvez não seja hoje, mas que será algum dia. Nessa estrada da vida, a morte é uma parada obrigatória, e é essa consciência de finitude que gera no ser a percepção de que ele é um projeto. Que é um ser para a morte. Diante da certeza dessa possibilidade que gera a impossibilidade, nos resta a *angústia*.

A angústia é descrita como a súbita percepção do ser humano de que ele é finito, isto é, de que está jogado entre um ainda não, o futuro e o não mais, o passado. A angústia que disso resulta é o que mantém o ser humano, humano. O que ele poderá fazer é tentar fugir dessa angústia, fugindo de si mesmo e divertindo-se numa “brincadeira” com os objetos, no instante presente. De todo o modo, porém, a angústia aparecerá de repente e, de modo implacável, remeterá o ser humano contra o futuro e contra o passado e sem resultado. (STEIN, 2006, p. 6)

A porta do existencialismo que já se encontrava aberta, agora se escancara com o conceito da *angústia*, inicialmente apresentado em Kierkegaard e agora retomado por Heidegger. Sem confirmar a sua presença, e sob as vestes do nada, a angústia existencial se apresenta para nós. E a sua chegada faz parecer não haver sentido nesse projeto do ser. Quanto mais o ser humano se projeta, quanto mais o ser humano constrói, quanto mais o ser humano vive, mais próximo da morte se encontra. Quanto mais o projeto do ser engole as possibilidades no decurso dos anos, menos liberdade nos resta e menos possibilidades existem para serem projetadas. Dizer sim a vida é dizer sim a morte. Esse é o preço que se paga pela existência.

Mas desde o princípio do *Dasein* está predeterminado pelo seu fim. Basta o homem viver, que já é bastante velho para morrer., reza antigo provérbio alemão. Então a morte é esse fim “como possibilidade da impossibilidade”. Estamos diante do não-ser como essência da existência. Eis em que consiste o ser-para-a-morte. “O *Dasein* não tem um fim aonde chega e simplesmente

¹⁹ A morte é uma possibilidade ontológica que a própria pre-sença sempre tem de assumir. A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade absoluta de pre-sença. Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais *própria, irremissível e insuperável*. (HEIDEGGER, 2005, p. 32)

cessa, mas existe finitamente.” (SZ, p.329) Mas diante dessa existência finita, da morte, o homem como ser cadente não cessa de fugir. Quem morre é a gente, não eu. Esquivo-me da morte no anonimato da gente. Fujo dela enquanto possibilidade própria. Mas se não fujo, exercito-me diante da mais extrema e radical possibilidade de mim mesmo. E assim exercitando-me, antecipo-a, assumindo-a; e, portanto, decidindo. A decisão (*Entschlossenheit*) é uma escolha e, se isso ocorre, angustio-me. Mas na angústia libera-se o poder-ser mais próprio, mais autêntico do *Dasein*, com a sua compreensão respectiva, conforme confirmação trazida pela “voz da consciência”, forma que a auto-interpretação desse ente confere à tradicional consciência. (NUNES, Benedito, 2002, p. 21)

O que vem a seguir é a postura dupla oferecida por Heidegger diante dessa consciência do fim, sobre como lidar com o não-ser ainda sendo um ser que é. O ser humano ao se compreender enquanto um *ser-para-a-morte* se depara com uma “escolha de Sofia”, de aceitar ou não a morte ainda em vida. Se aceita, a consciência da finitude traz a urgência de se empenhar em seu projeto de ser e de ter cuidado com ele, e dessa relação de cuidado com o seu ser resulta em uma relação de cuidado com o outro. Se aceita, tomamos a vida como uma dádiva que precisa ser vivida de modo apaixonado e responsável. Se aceita, enxergamos no tempo, como um marcador temporal, a possibilidade do ser existir. É somente no tempo que o ser existe. Se aceita, vivemos uma vida autêntica. Do outro lado, se não aceita, nos estacionamos no tempo e estagnamos no processo de nos projetar, com medo do que poderíamos encontrar mais adiante. Nos contentamos com nossas projeções passadas.

Entre essas duas escolhas, residem as disposições, que possuem um caráter transformador. Para Heidegger, a maior delas, é a angústia, e por isso fica conhecido como o existencialista da angústia. É somente ela que é capaz de colocar o *ser-aí* diante de si mesmo, não diante do projeto que estava se projetando nesse instante, mas diante da nossa “configuração original”, ou seja, ao momento anterior do projeto do ser, o qual é marcado pelo nada, pelo fundamento nulo. Aqui, anterior ao projeto do ser, não há nenhuma identificação ou significância, pois não somos capazes de nos enxergarmos como sendo algo único daquele nosso ser. Por exemplo, se sou filho, se sou pai, se sou aluno ou se sou médico, se sou professor, se sou policial, o que, de fato, sou? Todos esses papéis sociais não poderiam ser executados por outro corpo que não o meu? A resposta é sim, poderiam, e por isso nada disso me veste unicamente. Não pode ser isso o que eu sou e não pode ser isso que fundamenta o meu ser. Nesse instante, em que nos visualizamos como um nada a solto, sem qualquer base capaz de nos justificar ou de nos governar, podemos sentir em nossa boca o gosto da angústia. Um gosto que não tem gosto, como um silêncio que grita e que nos mostra a nossa realidade, como em um cenário em que todos os móveis se encontram desorganizados e sendo as suas funcionalidades, por nós, desconhecidas.

Como projeto de ser que somos, o máximo que pode nos tocar diretamente é a possibilidade do ser, e aqui entendemos que a única possibilidade ser que nos é única e tão somente minha, é a possibilidade que gera a impossibilidade, a morte. A morte é um fato intransferível, o evento mais particular e mais íntimo de todo ser humano. Se é possível terceirizar outros pontos de nossa existência, o mesmo não ocorre com a morte, pois somente eu posso morrer por mim. Todo mundo pode ser filho, pai, aluno, médico, professor e policial, mas ninguém pode morrer pelo outro. A nossa morte é a nossa única possibilidade própria. Nós nos ocupamos buscando nos reconhecer em rostos que não o da finitude humana e isso nos afasta do processo de nos compreender enquanto possibilidade de morte, ou enquanto um ser-aí que é um ser-para-a-morte. É somente pela angústia que temos a gravidade da existência revelada e a urgência de ser capaz de atribuir nomes, cores e cheiros, sentidos, ao nosso tempo em vida. Enquanto houver vida, que haja angústia, pois que, como dizia a poetisa Ana Cristina Cesar²⁰ (1999) a “angústia é fala entupida”, podendo ainda complementar que também “é vontade reprimida, vida não vivida. Angústia é falta e nunca sobra, angústia é vida ainda em obra” (FACEBOOK, 2015). É essa angústia como disposição, que somente pode ser experienciada durante a vida em obra, que abre as portas para o ser-aí realizar o seu projeto do ser, para que ele possa, enfim, ser ele mesmo, como diz Heidegger:

Naquilo que se angustia, a angústia abre a pre-sença como ser-possível e, na verdade, como aquilo que, somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se numa singularidade. Na pre-sença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo. (HEIDEGGER, 2005, p. 250-251)

²⁰ Ana Cristina Cruz Cesar (1952-1983) foi uma poetisa brasileira, professora, tradutora e crítica literária. É considerada o maior nome da literatura marginal da década de 1970, também conhecida como geração mimeógrafo, em alusão ao aparelho que era utilizado para fazer cópias das obras independentes.

2.2. Explorando a interseção entre o estoicismo e o existencialismo

O período que separa essas duas correntes filosóficas é de aproximadamente 1500 anos, não tendo sido o suficiente para que a questão do sentido da vida fosse de uma vez por todas resolvida. Isso se ainda a considerarmos como um problema que tenha, de fato, alguma solução. Por um lado, temos os estoicos voltados para a filosofia como uma prática de vida moral, guiada pelas mãos da razão, a partir da compreensão e da aceitação do que se encontra ou não sob o controle humano. Do outro, se encontram os existencialistas tendo como foco o ser humano como um projeto inacabado, que chega ao mundo sem alguma finalidade, sendo de responsabilidade humana atribuir algum sentido ao seu tempo em terra. Esses dois sistemas compartilham da ideia de que não chegamos ao mundo com algum propósito previamente determinado. A existência precede a essência.

Após o nascimento, tudo o que vem a seguir constitui o processo do eterno projetar-se, em que o ser humano se encontra em um movimento contínuo de existência por meio de projeções, as quais incluem toda e qualquer aspiração, realização ou consternação humana. Tudo que é humano diz respeito ao processo do ser. Esteja ele em busca de uma tranquilidade que possa fazer morada em sua alma ou em busca de algum sentido final para a sua vida, em ambas as correntes o ser humano é o protagonista de sua vida. É responsabilidade do próprio ser a sua condução como presença no mundo, ainda que as correntes se distingam quanto ao modo dessa condução.

Apesar de compartilharem desse entendimento do sentido de a vida ser uma atribuição do próprio ser humano, se distanciam em relação ao processo dessa atribuição. Para os estoicos, a vida precisa estar pautada na razão e precisa ser guiada tão somente pelas virtudes, destacando-se as quatro principais como sendo a moderação, a coragem, a justiça e a sabedoria. Ainda que não se tenha um propósito definido, o caminho para que se pudesse definir precisaria necessariamente ser guiado por pés virtuosos. É difícil viver, mais ainda viver bem. A virtude como um denominador comum no caminho a ser percorrido e no destino final. Para o existencialismo, a partir de Heidegger, a liberdade e a responsabilidade precisariam caminhar juntas nesse mesmo caminho.

Essas duas correntes concordam com um mesmo ponto de partida e se distanciam em relação às próximas estações, porém podem ser pensadas como um conjunto se relacionarmos as virtudes estoicas com o projeto do ser existencialista. É fato que o tempo é necessário para

que possamos continuar nos projetando. Não há projeto de ser descolado do tempo, uma vez que o ser humano é um ser temporal. E aqui cabe a reflexão acerca do uso irresponsável que fazemos do nosso tempo em vida, quando não pensamos sobre ele como sendo obrigatoriamente necessário para as nossas projeções. Ou quando não comedimos nem valoramos os atributos daquilo que podemos ser. Sem uma reflexão sobre o tempo, nossas projeções parecem perder a urgência de buscar a melhoria, pois fica um fio de esperança de que sempre haverá um projeto futuro. É como aquele projeto de ano novo, que faz uma promessa e a joga para o colo do futuro, como se ele por si só pudesse retirar a sua responsabilidade sobre a sua própria vida.

É preciso ter coragem para ser aquilo que se é e tudo aquilo que se deseja ser. Ela, como uma firmeza de espírito, só pode ser fruto de uma relação honesta do ser humano consigo mesmo, a qual perpassa pelo processo de identificação dos vícios do corpo e da mente, pelo recolhimento em si mesmo, pela análise do presente, se voltando para o que é hoje e a análise do futuro, quando se indaga fantasiosamente pelo que poderá ser amanhã. Coragem para assumir as rédeas da sua vida e não mais seguir os rastros de outras vidas que não a sua, por medo de se responsabilizar ou por medo de não se sustentar. É preciso ter comprometimento com o seu projeto de ser. É preciso ter sabedoria para saber enxergar aquilo que te afasta do seu projeto de ser. E é preciso preparar-se para morrer. Uma vida autêntica só pode ser vivida se houver uma aceitação da morte ainda em vida. Esses processos reflexivos que precedem a escolha da direção a ser tomada são definitivos, por mais que se altere o rumo mais tarde. Há um momento decisivo, que independentemente de quanto tempo possa se alterar, ainda que leve apenas dias ou meses ou anos, já se decidiu. Aquele projeto de ser pode não ser mais, mas foi um dia, e esse dia se enraíza dentro de nós, como uma impressão que não se apaga. A responsabilidade, portanto, deve caminhar junto ao projeto, uma vez que essa impressão não marca somente a alma daquele que projeta, como também a de todos os outros projetos de ser. De fato, não há coisa mais difícil de saber do que viver.

Nada é menos peculiar do homem ocupado do que viver. Não há coisa mais difícil de saber do que viver. São comuns e numerosos os que professam outros conhecimentos, alguns dos quais até mesmo crianças parecem ter tão perfeitamente aprendido que também podem ensinar. É preciso durante toda a vida aprender a viver e, o que talvez cause maior admiração, é preciso durante toda a vida aprender a morrer. (SÊNECA, 2017, p. 14)

O estoicismo e o existencialismo não se distanciam da morte, muito pelo contrário. Eles caminham em direção a ela a fim justificar a existência, seja ela pela virtude, seja ela por aquilo que ainda não tem um nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a mais humana de todas as necessidades humanas é a busca pelo sentido da vida, a morte, como contraponto, torna-se o motivo maior para a indagação sobre o sentido da vida, uma vez que a morte parece negar esse sentido. É suficiente o tempo que temos para buscar o sentido da vida? Como conciliar essa busca com a sensação de inquietude diante das incógnitas existenciais? É possível, de fato, viver uma vida boa sendo consciente da nossa própria finitude?

Se o sentido é fruto do tempo em que se vive, podemos refletir sobre o período em que estamos inseridos, a fim de investigar a conduta humana para consigo e para com os outros nos dias de hoje. Se o sentido muda de direção conforme o tempo em que se vive, podemos refletir sobre o tempo atual, se existe um sentido em comum a todos, e se não, de que modo essa falta de sentido individual implicaria no sentido coletivo. Isto é, de que modo o ser humano, sob a posse da sua individualidade e da sua conduta de vida, é capaz de afetar a humanidade como um todo.

Sêneca reconhece a complexidade da realidade e a incapacidade humana de alcançar o absoluto saber, e a sua obra *Sobre a brevidade da vida* não tem como propósito fornecer algum tipo de resposta para a questão original da Filosofia. A sua proposta filosófica tem como objetivo, sob o uso pleno da razão e do uso moderado das paixões, saber o que fazer com o tempo, como viver uma vida boa e quem sabe, com o tempo, possa se chegar a algum lugar que esteja mais próximo do que se esteve ontem. Não existe uma única corrente filosófica que consiga abarcar toda a amplitude da subjetividade humana, visto que é vasto o terreno dos sentimentos e dos desejos humanos. O presente é vivo, se constrói a cada sol que nasce, a cada gota de chuva que cai do céu e a cada palavra pensada e escrita, e se vai antes que o cérebro humano possa processar o que ocorreu segundos atrás. Nós estamos sempre um passo atrás, mas podemos nos adiantar quando voltamos aos antigos:

Se não somos em absoluto ingratos, aqueles tão preclaros fundadores de doutrinas sagradas nasceram para nós, prepararam a vida para nós. Por um trabalho alheio, somos conduzidos até as mais belas ideias, tiradas das trevas para a luz. Nenhuma época nos está vetada, temos acesso a todas, e se por meio da magnitude da alma desejamos sair das estreitezas da debilidade humana, há um espaço enorme de tempo para percorrermos. É possível discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, repousar com Epicuro, vencer com os estoicos a natureza humana, com os cínicos ultrapassá-la. Já que a natureza nos permite participar de qualquer época, por que não nos voltarmos por inteiro deste exíguo e cadente trânsito temporal para aqueles períodos que são imensos, que são eternos, que são compartilhados com mentes melhores? (SÊNeca, 2017, p. 23)

Em muito nos distanciamos da vivência desses pensadores antigos. Em questões culturais, econômicas e políticas. A começar pela expectativa de vida que mal se consolidava na faixa dos 30 anos (IBGE, 2019). No Brasil, 2023, a taxa atingiu os 76,2 anos (OMS, 2023). De lá pra cá muito mudou, mas não tudo. Fomos capazes de construções atômicas inimagináveis, de fazer um transporte andar no céu e de pisarmos em solo do único satélite natural da Terra, entretanto não fomos capazes de nos satisfazer quanto ao sentido da vida. O dobro do tempo não foi o bastante para esgotar esse tema, e talvez o tempo, como um marcador temporal, não seja o problema dessa equação. Para que mais tempo? Talvez o ser humano nunca se sentisse satisfeito, ainda que fosse viver para sempre.

Talvez o tamanho do desconcerto que sentimos quanto às incógnitas que nos cercam seja proporcional ao tamanho do apego que temos pela nossa existência, por mais distante que possamos estar de alguma crença. Afinal, o que eu sei ser além de ser um ser humano? E se só sei ser humano, sei que este “só” não se limita ao seu uso como advérbio, pois isso é tudo o que eu tenho, é tudo o que eu posso ser. Esse saber, sobre a existência de um eu, parece ser definitivo, até que deixe de ser. Em termos objetivos, a morte existe como um estado, o qual podemos definir como uma transição do ser para o não ser do atual, e o medo existe nessa iminência do não ser, não quanto ao momento de transição e sim do seu estado final. Isto é, o medo maior reside naquilo que resulta dessa passagem de estado, do que, de fato, será o não ser do ser atual. A sombra do não-ser nos apavora como se estivesse sempre à espreita, como aquela visita que sabemos que um dia irá bater a nossa porta; só não sabemos a data. E isso pode nos levar a refletir sobre o que mudaríamos em nossa vida caso soubéssemos a data de nossa morte, como se essa informação pudesse interferir no resultado final. Não importa o dia, o mês ou o ano, a sua chegada é certa.

É fato que a morte é um fato, porém a sua facticidade não nos afeta diariamente, e muito disso se deve pela distância que tomamos dela, quase como se nos sentíssemos tão especial que poderíamos ser esquecidos aqui por ela; é sempre um outro que morre, não eu. E até para aquele que morre, não lhe é direito o seu conhecimento, uma vez que aquele que morre não sabe que morreu. A morte, como um fim, é uma ação que permite ao outro a observância, e para aquele que morre, resta a sua execução sem observação. E o que fica depois disso, também fica pelo outro. Pela lembrança do outro, pela memória olfativa, pela foto impressa ou pela música algum dia compartilhada. Até então, a imortalidade não é possível, mas a eternidade através da lembrança do outro é, e por isso a importância de atribuir uma justifica a nossa existência, pois é através da atribuição de sentido que podemos nos eternizar. Portanto, que tomemos a morte

como nossa conselheira, como propõe Marco Aurélio, e que concebamos a filosofia como um exercício preparatório para a morte. Que tal como em Sêneca, tenhamos tempo, sabendo que o tempo requerido para esse exercício é o tempo de uma vida inteira. E por Heidegger, que possamos nos encontrar diante do nosso ser de modo desnudo, sem qualquer veste ilusória, a fim de nos reconhecermos, de fato, como um ser que existe somente para a morte. É somente a partir desse encontro que podemos nos dar chance de nos projetar de forma autêntica e real, sendo esse o único gás capaz de nos impulsionar para o progresso humano.

O ser humano morre todo dia, todo dia se vai uma chance de uma nova projeção de ser. Todo dia o nosso relógio biológico se ordena em uma contagem regressiva decrescente, como uma ampulheta que se esvai. Então, todo o nosso presente é compartilhado com a morte, a qual se ocupa de convertê-lo em passado. O ser humano morre todo dia, pois, como diz um velho ditado “não é o último grão de areia que esvazia a nossa ampulheta da vida, mas sim todos os outros grãos que caíram antes”. Entretanto, não se vive apenas uma vez, mas se morre somente uma vez. Nós vivemos todos os dias e cada dia deve ser concebido como uma dádiva, um presente divino, sendo o suficiente para nos edificar-nos e nos projetarmos como seres melhores, seres mais justos, mais corajosos, mais pacientes, mais bondosos; seres mais virtuosos. E se morremos todos os dias, devemos nos preparar todos os dias para morrer, assim como no exercício da filosofia para a morte.

Embora os homens não o percebam, é possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia, a nada mais aspirem do que a morrer e estarem mortos. Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo pedira com tal empenho e em pós do que sempre se afanara. (PLATÃO, *Fédon*, 2002, IX)

Agora chegamos ao fim desse trabalho, e no fim normalmente se espera ter alcançado aquilo que desejava no início da leitura. A questão do sentido da vida foi colocada inicialmente como uma pergunta, já tendo sido respondida em alguma parte do texto sobre a incapacidade humana de responde-la, se se esperava por alguma resposta pré-determinada. Não existe um sentido que seja universal, mas sim que é universal a busca por esse sentido. Cada de ser humano é responsável por dar sentido a sua experiência como presença no mundo, e esse sentido, para que se tenha chegado ao máximo bem, aqui tratado como a felicidade, deve ter sido construído por uma via virtuosa, uma via ética, do cuidado e da responsabilidade. E apesar de o estoicismo trabalhar com a noção de um mundo como um organismo vivo e racional, regido por uma lei natural que também governa a todos os seres humanos, podemos nos reter a sua contribuição quando nos coloca como imagem e semelhança da natureza. O ser humano

nasce, vive e morre. Esse é o ciclo natural, um ciclo perfeitamente ordenado, que ocorre independentemente de qualquer ação humana. Da natureza, além da vida, o ser humano recebe também a razão como um presente. O ser humano, então, nasce racional, vive racional e morre racional, e em todas as etapas a busca pelo sentido da vida se encontra mais urgente do que nunca. Esse questionamento máximo acompanhará o ser humano até o seu último piscar de olhos. Esse é o ciclo natural, um ciclo perfeitamente ordenado.

Um dia... pronto!... me acabo.

Pois seja o que tem de ser.

Morrer: que me importa?

O diabo é deixar de viver! (MÁRIO QUINTANA, 2006)

E assim como Mário Quintana, eu não quero deixar de viver. Como poderia querer, se sou um ser desse mundo? Se tudo o que eu sei ser é ser um ser humano?

Referências

- BRITO, Rodrigo. **A física da Stoá**. ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, v. 7, n. 14, 2013.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman, 24 ed. Paulina Watch. – Rio de Janeiro: Record, 2021.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Vol. 2. As Escolas Helenísticas. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- COSTA, Gal. Divino Maravilhoso. Philips, 1969. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gal-costa/248671/>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- DINUCCI, A.; JULIEN, A. **O Encheirídion De Epicteto**, edição bilíngue. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DINUCCI, Aldo. **Epicteto: cinco diatribes sobre progresso e arte de viver**. PERI, v. 8, n. 2, 2016, p. 177-191.
- DIÔGENES LAËRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**; tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama. – 2. ed., reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. **O cuidado como amor em Heidegger**. Rev. abordagem gestalt, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 158-171, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo (Parte I)**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15 ed. Editora Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo (Parte II)**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15 ed. Editora Vozes, 2005.
- HOLT, Jim. **Por que o mundo existe?** Tradução de Clóvis Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- IBGE, Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2010-2060. Revisão 2019. 1980 e 1991 - ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C. e SENNA, Janaína R. Xavier “Tábuas de Mortalidade por Sexo e Grupos de Idade - Grandes e Unidades da Federação – 1980, 1991 e 2000. Textos para discussão, Diretoria de Pesquisas, IBGE, Rio de Janeiro, 2005.161p. ISSN 1518-675X; n. 20.
- LAURO, Rafael. **A quem ajuda a autoajuda?** Razão Inadequada, 2023. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2023/08/14/a-quem-ajuda-a-autoajuda/>>. Acesso em 23 nov. 2023.
- LOPARIC, Zeljko. **Origem e sentido da responsabilidade em Heidegger**. Veritas, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 201-220, 1999.
- MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Tradução de Thainara Castro. – Brasília: Kiron, 2011.
- MATOS, Andityas. **Destino e liberdade no pensamento estoico greco-romano**. Revista Filosófica de Coimbra – nº 43 (2013) pp. 7.42.

MATOS, Andityas. **A phýsis como fundamento do sistema filosófico estoico.** KRITERION, Belo Horizonte, nº 121, Jun./2010, p. 173-193.

NUNES, Benedito. **Heidegger e Ser e Tempo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PLATÃO. **Fédon.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2002.

PODCAST FILOSOFIA POP: #127 – Heidegger – Ser e Tempo, com Marcia Cavalcante. Locução de: Marcos Carvalho Lopes. Entrevistada: Marcia Cavalcante. [S.I]: Filosofia Pop, 31 mai. 2021. *Podcast*. Disponível em: [#127 – Heidegger – Ser e Tempo, com Marcia Cavalcante - filosofia pop](#). Acesso em: 23 nov. 2023.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa.** Organização, preparação do texto, prefácio e notas: Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

ROBERTSON, Donald. **Pense como um imperador.** Tradução de Mayã Guimarães. – Porto Alegre: CDG, 2020.

SÊNECA. **Sobre a Brevidade da Vida.** 1. ed. São Paulo: Penguin, 2017.

SÊNECA. **Da felicidade.** Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. L&PM; Pocket edição, 2012.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio.** Tradução, prefácio e notas de J. A. SEGURADO E CAMPOS. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

STEIN, Ernildo. **A superação da metafísica e o fim das verdades eternas.** IHU On-line, 2006.